

*a centralidade  
da*

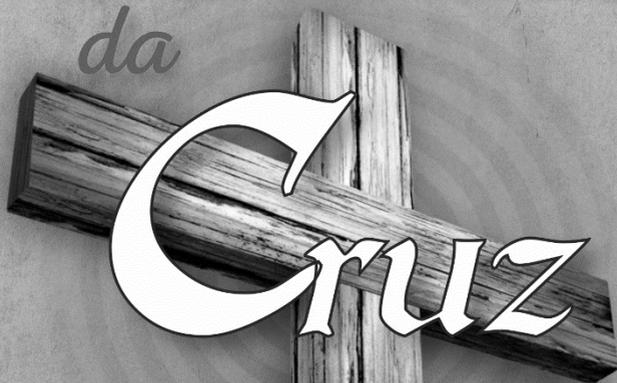


*O pivô central do tratamento  
de Deus com o universo*

Jessye Penn-Lewis



*a centralidade  
da*



*O pivô central do tratamento  
de Deus com o universo*

Jessye Penn-Lewis

**THE CENTRALITY OF THE CROSS**

Copyright ©1910

CLC Publications

**RIOS DE ÁGUA VIVA**

Copyright ©2021 – Editora Restauração

[www.editorarestauracao.com.br](http://www.editorarestauracao.com.br)

**Tradução**

João Alfredo F. Barros

**Revisão**

Paulo César Oliveira

**Capa**

Editora Restauração

*Todas as citações bíblicas, salvo onde indicado, foram extraídas da Versão Revisada e Atualizada de João Ferreira de Almeida.*

# Sumário

CAPÍTULO 1	
A Centralidade da Cruz .....	1
CAPÍTULO 2	
O Centro Alterado por meio da Cruz.....	15
CAPÍTULO 3	
A Mudança de Perspectiva por meio da Cruz .....	27
CAPÍTULO 4	
O Caminho da Cruz .....	33
CAPÍTULO 5	
O Lado Vivificador da Cruz .....	50
CAPÍTULO 6	
A Cruz e a Vida no Espírito .....	66
CAPÍTULO 7	
A Cruz e o Poder para a Obra.....	83
CAPÍTULO 8	
A Cruz e a Língua .....	103
CAPÍTULO 9	
A Cruz e o Avivamento .....	109
CAPÍTULO 10	
A Cruz como uma Proclamação .....	122
APÊNDICE	
Comparação entre a Cruz e o Sangue .....	133



## CAPÍTULO 1

# A Centralidade da Cruz

Vamos nos voltar primeiro para Romanos 4.25, para o fato evidente da morte expiatória de Cristo. Fiquei chocada ao examinar recentemente o livro do Dr. Forsyth<sup>1</sup> sobre “a crucialidade da cruz”, no qual ele diz: *“Uma verdadeira compreensão da expiação satisfaz esta época em sua necessidade de um centro, de uma autoridade, ou uma força criativa, uma linha diretiva e um alvo final. ELA SATISFAZ A NOSSA FALTA DE UM PONTO FIXO”*. Este é exatamente o caso. Precisamos de um “ponto fixo” que atue como um centro e um alvo, e esse “ponto” na história do mundo – nas eras anteriores e posteriores a ele – é a cruz do Calvário. Ela é o pivô central no tratamento de Deus com o universo em todos os aspectos. Porque nós cristãos nos afastamos do “ponto fixo” da cruz, vagamos por todos os tipos de lugares sem saída, onde perdemos o equilíbrio e a perspectiva correta da verdade. Vamos nos reunir em volta desse ponto fixo – a cruz de Cristo – para que possamos vir a conhecer mais do Cristo da cruz. A partir disso, o Espírito Santo nos permitirá desenvolver outros aspectos da verdade em sua relação com a cruz.

Vamos começar em Romanos 4.25, onde lemos: “[...] o qual [nosso Senhor Jesus] foi entregue por causa

---

<sup>1</sup> *The Cruciality of the Cross* (A crucialidade da cruz), do teólogo escocês Peter Taylor Forsyth (1848 - 1921).

das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação”. Em todas as partes das epístolas de Paulo encontramos isso repetido muitas vezes. A morte do Senhor Jesus Cristo foi um sacrifício substitutivo e propiciatório.

A cruz é, portanto, central para a justificação e para o perdão dos pecados e a justificação do pecador. Veja Romanos 5.6-8: “Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos [em nossos pecados], morreu a seu tempo pelos ímpios. Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores”. E os versos 9 e 10: “Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, [isto é, pela participação em Seu sangue; ou seja, sendo feitos participantes de Sua morte] seremos por ele salvos da ira. Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a MORTE do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida [COMPARTILHANDO A SUA VIDA]”.

As palavras são tão claras e óbvias em seu significado, que para uma mente aberta está claro que Cristo morreu por nós; somos “justificados no Seu sangue”; quando éramos inimigos fomos “reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho”, e, sendo reconciliados, somos salvos “pela Sua vida [compartilhando a Sua vida]”. Esses são fatos básicos evidentes, mostrando que a morte de Cristo no Calvário foi uma morte por pecadores, uma reconciliação com Deus de pecadores em um estado de inimizade

contra Ele e uma salvação desses pecadores por meio da concessão de um compartilhamento da vida que Cristo, como o Substituto deles, obteve para eles pela Sua morte.

Agora vamos prosseguir para ver a cruz como o centro, ou o “ponto fixo”, para a VITÓRIA SOBRE O PECADO, O MUNDO, A CARNE E O DIABO. Para uma revelação clara da cruz como o “ponto fixo” da vitória do cristão sobre o pecado, vamos a Romanos 6. Este é o capítulo básico em todo o Novo Testamento, onde o significado profundo da morte no Calvário é estabelecido, em linguagem que é extraordinária em sua simplicidade e clareza e maravilhosa em sua explicação abrangente do Evangelho. Não é de admirar que o “deus deste século” tenha influenciado a tantos para relegar Romanos 6 aos teólogos, assim como para impedir os crentes de entender a sua verdade simples, porque o enganador sabe que ele é a MENSAGEM CRUCIAL DO EVANGELHO do ponto de vista experimental.

Para Deus, a morte do Senhor Jesus Cristo foi a expiação e a propiciação do pecado, mas em Romanos 6 a cruz é mostrada em seu aspecto em relação ao homem – em seu tratamento com o pecador. Aqui está a mensagem prática, profunda e vital para o pecador, mostrando a ele o caminho da libertação do poder do pecado, do mundo, da carne e do diabo. Na mensagem do Calvário em Romanos 6, Paulo lançou o fundamento profundo e firme. Aqui repousa a base profunda da cruz como o “ponto fixo” da vida pessoal do crente, o equipamento pessoal e a vitória pessoal em todos os aspectos.

Vamos ler a passagem lenta e cuidadosamente: “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, **NÓS OS QUE PARA ELE MORREMOS?**” (vv. 1-2). Aqui está a cruz em seu aspecto da morte do pecador com o Salvador. Disso fica claro que a cruz de Cristo foi a cruz do pecador, não, naturalmente, no que diz respeito à expiação para Deus, mas ao ato de tomar a vida da velha criação para a cruz, para que o crente fosse liberto do poder do pecado; e não por vencê-lo, mas por morrer para ele. Aqui está a chave para a vitória. As coisas mais profundas são as mais simples.

O verdadeiro problema sobre a compreensão do capítulo seis de Romanos não é teológico, mas moral. Quando queremos sinceramente a libertação do poder do pecado, isso está ao nosso alcance. Ela está bem aqui para a alma simples, que tomará as afirmações como um fato. Pelo bem de um mundo perdido, não tenhamos obstáculos “morais” para conhecermos a realidade da cruz. Se os homens e mulheres estivessem completamente desejosos de que o trabalho mais profundo da cruz fosse operado ou aplicado neles, haveria um estremeamento nos poderes do inferno, um abalo no reino das trevas. O segredo fundamental do plano de Deus para a redenção de um mundo perdido está no significado de Romanos 6. O fato central de a cruz ser a cruz do pecador, bem como do Salvador.

Além disso, o significado da cruz em Romanos 6 deve ser reconhecido como a raiz do fundamento da vida cristã, tal como a “raiz” é necessária para a vida da árvore.

Uma árvore não pode se separar de sua raiz, mas deve lançá-la no mais profundo do solo, para que todo o crescimento externo tenha forte apoio na terra e a força vital para a sua manutenção.

“Nós que morremos para o pecado”, como podemos viver mais tempo sob o domínio do pecado? “Ou, porventura, ignorais que todos nós [...] fomos batizados na sua morte?”, escreve o apóstolo. “Todos nós” – não uns poucos que desejam ser almas avançadas, mas os jovens convertidos também! Se todo convertido a Cristo fosse “nascido de novo” pela mensagem evangélica desse capítulo e conhecesse seu poder em experiência bem no começo da sua vida cristã, haveria menos apostasia e necessidade da assistência cuidadosa para não se apostatar, pois uma nova vida lhe seria comunicada na mais poderosa força, e Cristo, como Aquele que vive, seria conhecido como um Salvador real.

Isto aconteceu na Finlândia há alguns anos, quando a filha de um professor se sentou na primeira fila das reuniões de uma conferência. Eu falava, pela tradução para finlandês e sueco, sobre o grão de trigo que cai na terra para morrer. Estavam presentes delegados de todas as partes da Finlândia. A ocasião foi tal que procurei aproveitar ao máximo a minha rara oportunidade e assim expus tudo o que sabia do significado mais profundo da cruz. Alguém disse: “Você vai falar com aquela menina, ela não é convertida”. Eu disse: “Não, hoje não, vou esperar!”. No fim do terceiro dia, as pessoas estavam saindo, quando a menina veio, lançou seus braços em volta do meu pescoço

e desatou a chorar. Eu disse: “O que houve, querida? Você foi conduzida a Cristo?”. “Sim.” “Graças a Deus! O que você viu que a conduziu a Ele?” E ela respondeu: “O grão de trigo que cai na terra para morrer”. Ela nasceu de novo pela revelação do Espírito de Deus de que “quando Cristo foi ao Calvário, levou também o pecador”. O resultado foi que aquela alma se tornou mais “madura” em três meses do que a maioria dos cristãos que encontramos hoje. Quando ela tinha apenas três meses como cristã, foi capaz de traduzir para o sueco (e tomar providências para a publicação) o livro *A cruz do Calvário* e o fez de forma inteligente e completa. Isso nos mostra que tipo de convertidos existiam nos dias pentecostais. Estes, no tempo de Paulo, “nasciam” pelas verdades de Romanos 6.

Vamos ler os versos 3 e 4: “[...] nós os que para ele morremos? Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida”. Agora preste atenção às seguintes palavras: “Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição [...]” (v. 5).

Observe a repetição das palavras sobre a cruz, tornando-a o “ponto fixo” da mensagem. “Nós que morremos” – Calvário! “Na Sua morte” – Calvário! “Batismo na Sua morte” – Calvário! “Unidos na semelhança da Sua morte” – Calvário! E novamente nos versos 6 e 8:

“crucificado com Ele” – Calvário! “Morremos com Cristo” – Calvário! Quão claro é isso. A cruz de Cristo é a cruz do pecador. Por quê? Porque toda a natureza da vida de Adão é absolutamente caída. Não pode ser melhorada. Ela é caída e envenenada pela serpente na raiz e nos ramos. Todo o esquema da redenção está no fato de que Deus deve começar novamente, por assim dizer, e fazer uma nova criação. Por meio da cruz Ele planeja dar fim à velha vida de Adão da raça caída e construir mais uma vez uma nova criação em meio as suas ruínas. Não há nem mesmo “uma faísca divina” no homem caído para que Ele possa soprar para a vida como a base do novo.

Esse fato é vital para a compreensão do plano de Deus para a redenção por meio da morte de Seu Filho sobre uma cruz. O diabo se opõe à doutrina da Queda porque sabe que se os homens creem que não houve nenhuma “Queda”, eles não têm nenhuma compreensão da necessidade da cruz. As duas funcionam juntas. Portanto, devemos ser conduzidos pelo Espírito Santo ao lugar onde compreendemos que não temos nada em nós que possa ser “melhorado” e estar dispostos a ir para aquela cruz e dizer: “Quando Ele foi para o Calvário, levou também o pecador”. Oh derrotado filho de Deus, tome o simples fato da fé em Suas palavras, de que você morreu com Cristo em Sua cruz, de que você foi batizado “na Sua morte” – colocado diretamente n’Ele e sepultado longe dos olhos – e fique ali, reconhecendo que morreu para o pecado e, no que lhe diz respeito, cortou relações com ele. Então reconheça a união com Ele na ressurreição, isto é, que você tem n’Ele uma

nova vida. Se pudéssemos expressar isso resumidamente, diríamos que quando você toma a atitude, ou posição de morte, Deus Se encarrega de colocar em você tudo o que Ele quer de você.

Que Evangelho para as pessoas! Vamos dá-lo a elas. Ele é realmente um Evangelho das boas notícias – a cruz, o lugar da vitória sobre o pecado, assim como o lugar da reconciliação com Deus.

A cruz como o “ponto fixo” da VITÓRIA SOBRE O MUNDO. Em cada uma das epístolas de Paulo descobrimos que ele se refere à obra consumada de Cristo no Calvário, em um aspecto ou outro. Tudo o que ele diz em todas as suas cartas gira em torno da centralidade da cruz. Em Gálatas especialmente, são tantas referências à cruz em seu relacionamento básico com os aspectos vitais da vida cristã, que a epístola poderia ser chamada a Epístola da Cruz. Em Gálatas 6.14, temos a passagem mais forte sobre a morte do crente para o mundo. O apóstolo escreve sobre ele mesmo, mas o que foi verdadeiro para Paulo é verdadeiro para nós. Nesse exemplo, Paulo viu o “mundo” nos métodos proselitistas dos crentes judaicos e o desejo deles de fugir da perseguição dos judeus, “a qual Cristo carregou na cruz”. “Mas longe esteja de mim”, diz o apóstolo, “gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo”.

A morte do crente com Cristo em Sua cruz, portanto, significa ser crucificado para o mundo em todos os

seus aspectos. Não para ser uma pessoa miserável, triste, mas alguém cheio da alegria e glória de outro mundo. Não é a “cruz” que nos faz miseráveis, mas a ausência dela. Ela é uma cruz libertadora – uma cruz que o libera para ter o antegozo do céu em você, como se já compartilhasse do poder da era vindoura. Vamos cada um de nós apresentar nossa reivindicação por libertação do mundo para que, como cristãos, não o favoreçamos, nos vistamos como ele, atuemos como ele e nos comportemos como ele. Se essa mensagem do Calvário fosse ensinada e crida, isso acabaria com a questão dos divertimentos na igreja.

Observe também que para experimentar isso deve haver uma verdadeira comunhão com Cristo em Sua morte. E aqueles que a provaram sabem que essa aplicação da cruz realmente corta você do “mundo”, há um “abismo” entre você e o mundo, e você pode ver o povo do mundo do outro lado. Assim, vendo o mundo a partir da cruz, você pode ir ao mundo da humanidade, “enviado” como Cristo foi enviado, para revelar o coração de Deus, com o Seu amor compassivo e o Seu Espírito de Sacrifício. Ao ir às almas, também de seu lugar em Cristo, você se encontrará ao lado de suas necessidades, pois as suas próprias “necessidades” foram totalmente satisfeitas em sua união com o Senhor Ascendido. Glórias a Deus pela cruz, que nos separa do mundo, e do espírito do mundo, e abre um caminho para nós em outro mundo onde tudo é paz, alegria e amor.

Em Gálatas, também encontramos Paulo nos mostrando a cruz como o CENTRO DA LIBERTAÇÃO DO

CONTROLE DA “CARNE”. “E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5.24). Aqueles que compreendem o significado da morte com Cristo provaram que é praticamente possível andar em liberdade sem que os “desejos da carne” tenham domínio sobre eles. No verso 16 desse capítulo, lemos sobre o conflito que certamente existe entre a “carne” e o “espírito”. Ambos são essencialmente opostos um ao outro. Quando o espírito domina, os desejos da carne estão suspensos. O verso 24 revela o segredo desse domínio do espírito como possível por meio da cruz. A “carne” não deve apenas ser mantida dormente, mas “crucificada”. Isso é necessário mesmo no que diz respeito às questões legais da comida e da bebida. Se os filhos de Deus soubessem disso, haveria um fim para a desonra ao Nome do Senhor, em sua escravidão aos “modismos” e “imaginações”, e os murmúrios sobre as coisas materiais relativas ao corpo. Infelizmente, a “carne” é favorecida entre os filhos de Deus de uma forma que muitas vezes destrói o seu testemunho de Cristo.

A vitória a esse respeito também é essencial na batalha agressiva contra os poderes das trevas, pois se o crente estiver sob a escravidão de uma única coisa, seja lícita ou ilícita para eles como filhos de Deus, eles estão fracos. “E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências”, isto é, desejos. Isso trata com “hábitos” e desejos da natureza física de todo tipo. Fumar é seguramente um, e a escravidão terrível a narcóticos e álcool. É verdade que enquanto a “carne” deve

ser crucificada em um sentido ético, realmente “andamos na carne” em um sentido físico e legal, mas até “fisicamente” ou “legalmente”, a “carne” não deve “andar” sobre nós, em nenhum pormenor (veja 2 Coríntios 10.3 e 1 Coríntios 6.12).

E por último: A CRUZ COMO O CENTRO DA VITÓRIA SOBRE SATANÁS. A passagem nas epístolas que mostra isso claramente é Colossenses 2.14-15: “[...] tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz”. Essas palavras nos levam de volta à declaração triunfante de nosso Senhor em João 12.31-33, onde Ele disse na véspera da crucificação: “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo. Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer”. E novamente em João 16.8-11, Ele disse: “Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado”. Assim, o Espírito Santo não tem de tratar só com a alma para Deus, convencendo-a do pecado por não crer em Deus, ou convencendo-a de que Cristo é a sua justificação na presença do Pai, mas Ele tem de CONVENCÊ-LA da vitória sobre seu inimigo no Calvário. Esse fato não está escondido sob uma linguagem

ambígua na Palavra de Deus. Em João 12.31, o Senhor afirma claramente o que ocorreria na cruz, e em João 16.11, Ele enfatiza e repete a Sua afirmação.

**O DIABO E TODOS OS SEUS PODERES HIERÁRQUICOS FORAM DESARMADOS NO LUGAR CHAMADO CALVÁRIO.** Diante de tudo o que Satanás está fazendo no mundo, e o seu (aparente) incrementado poder, só a convicção do Espírito Santo quanto à vitória de Cristo no Calvário pode manter nosso coração descansado e nos capacitar a triunfar e suportar. Além disso, se você crê na vitória de Cristo sobre Satanás, descobrirá cada vez mais e mais quão essencial é saber que a cruz crucifica a velha vida adâmica para que, unido em espírito ao Cristo Vitorioso, seja levantado, capacitado a triunfar sobre o inimigo e provar que, no que lhe diz respeito, o príncipe deste mundo foi expulso. Ele foi vencido. De acordo com as Suas próprias palavras, Cristo realmente o expôs, e a todos os seus poderes, a uma “vergonha pública”, justamente quando, aos olhos do mundo, aparentemente triunfavam sobre Ele.

Só fiz menção resumidamente desses três aspectos da cruz para demonstrar que ela é central em todas essas coisas. É vital e central em relação à justificação pela fé; vital e central em relação à nossa vitória sobre o pecado; vital e central em relação à nossa vida pessoal e aos nossos hábitos exteriores; vital e central em relação à vitória sobre o nosso inimigo. Os crentes que conhecem esses aspectos da cruz estão firmados no fundamento sólido da obra consumada de Cristo, para que nem todo o inferno os possa

abalar ou derrubar. Por mais variadas que sejam suas experiências, o fundamento de Deus permanece seguro. Eles estão sobre o solo rochoso da Sua obra consumada no Calvário, compreendendo não apenas uma expiação completa para Deus, mas a vitória e a libertação do mundo, da carne e do diabo.

Embora subjetivamente não possa ser operada na experiência deles em toda a sua plenitude, confiam em toda a sua perfeição como deles, quando se agarram a qualquer aspecto específico na hora da necessidade. A fé que têm está no que Cristo fez, e não em sua experiência. Eles sabem que “a palavra da cruz [...] é o *dunamis* [poder] de Deus”. O “logos” [palavra] pleno da cruz – não o pensamento do homem sobre a cruz, nem mesmo a pregação dela, mas a própria “palavra” da cruz, a “cruz” e tudo o que ela implicou para Cristo e para o pecador; o logos da cruz como expressão do pensamento interior de Deus quanto à forma pela qual Ele poderia livrar o homem caído dos resultados da Queda e derrotar o seu inimigo, que, caído da alta posição diante dele, foi a causa da sua queda. O arcanjo caído foi derrotado, e o Adão caído, crucificado no Calvário.

Esse “logos da cruz”, diz o Dr. Mabie<sup>2</sup>, é “concebido por Paulo para ser a chave que destranca o enigma do

---

<sup>2</sup> Henry Clay Mabie (1847 -1918) era pastor batista, missionário e foi contemporâneo de D. L. Moody. Ele foi considerado um dos gigantes espirituais de sua época, como A. J. Gordon, R. A. Torrey, e G. Campbell Morgan. Entre seus livros mais notáveis estão três sobre a cruz: *O significado e a mensagem da cruz*, *Como*

universo, soluciona todos os mistérios e reconcilia todas as coisas”, e “a Paulo foi dado pregar essa solução”. O mundo de hoje precisa conhecer essa “solução” de todos os seus mistérios.

---

*a morte de Cristo nos salva?* e *A razão divina da cruz*, nenhum deles publicado em português.

## CAPÍTULO 2

# *O Centro Alterado por meio da Cruz*

“[...] um morreu por todos; logo, todos morreram [n’Ele]” – 2 Co 5.14

Quando lemos 2 Coríntios 5.13-18, não podemos deixar de ver quão profundamente, nessa passagem, a cruz é o próprio centro da vida do apóstolo. Estamos familiarizados com o décimo quarto e demais versos, onde se lê: “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram [n’Ele]. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou”. Essas palavras tomadas sozinhas inconfundivelmente ensinam a identificação do crente com Cristo em Sua morte e a sua elevação a uma vida em que vive completa e inteiramente para Cristo, e não para si mesmo. Mas se as palavras são lidas em relação ao contexto, as precedentes e as sucessivas ao verso 14, o véu é levantado de um modo notável, mostrando que o verso 14 é o próprio centro de uma passagem surpreendente, que revela as circunstâncias e condições que conduziram Paulo a se referir à cruz.

Deixe-me tentar descrever a situação por trás das palavras do apóstolo. Seus críticos em Corinto o acusavam de se exaltar e estar “fora de si” por vaidade, mas ele responde: “Se me exalto, é por causa de Deus: se me humilho, é por causa de vós” (verso 13 na versão Conybeare<sup>3</sup> e na nota de pé de página de Howson).

“Porque o amor de Cristo me constrange”, e então ele aponta para a cruz como a razão por que ele pode dizer isso sobre si mesmo. Ele sabia que não era a “autoexaltação” ou a vaidade manifesta pelo seu zelo e intensa renúncia a Deus a causa da sua identificação com Cristo na morte. O “ego” não era mais o centro dominante do seu ser, o “ego” não era mais a base focal da qual ele atuava, tanto em “exaltação” como em “humilhação”.

Quão expressivas, à luz disso, são as palavras do apóstolo no verso 16. “Nós, daqui por diante” – aqui o pronome, diz Conybeare, é enfático. “Nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne”, isto é, como vocês me conheceram. Vocês me chamam de vão e louco em meu zelo, mas esta é uma visão carnal – a visão da carne. Sei que morri com Cristo e não estou vivendo mais para mim. É o amor de Cristo habitando em mim que me constrange, pois “qualquer pessoa, então, que está EM CRISTO é uma nova criação; seu velho ser passou [...] tudo vem de Deus [...]” (Conybeare e original em grego). “Vocês estão me chamando de louco e dizendo isso, aquilo e outras coisas sobre

---

<sup>3</sup> O Reverendo William John Conybeare (1815 - 1857) é autor, com o Reverendo John Saul Howson, da obra *A vida e epístolas de São Paulo* (1852).

mim, mas sei que não é o ‘eu’ que está me dominando, pois vi o ‘eu’ na cruz. Julguei o significado verdadeiro da morte de Cristo. Vejo que se ‘Um’ morreu por todos, então ‘todos morreram’, para que aqueles que estão ‘EM Cristo’ se tornem ‘novas criaturas’. O centro deles é mudado. Eles têm um novo centro – Cristo –, tudo é novo e tudo vem (*ek*, em grego) de Deus, como a fonte central de suas vidas. É assim que ‘o amor de Cristo’ está me constringendo, irrompendo para fora de mim como uma torrente da fonte central da Sua vida, e não do mero zelo e entusiasmo que vocês carnalmente julgam ser o poder na obra em mim [...]”.

Quão alinhado com isso é a forma de Deus revelar o significado da cruz aos Seus filhos. O conhecimento interior da cruz nunca pode ser capturado pelo intelecto. A morte de Cristo no Calvário foi algo tão impressionante e terrivelmente verdadeiro que somente aqueles que entram experimentalmente nessa morte podem alcançar ao menos um vislumbre dela. A mensagem da cruz nunca pode ser simplesmente “uma doutrina”, pois ela foi algo mais do que “uma doutrina” para Cristo e, como vemos na vida do apóstolo da cruz, para Paulo.

A forma de Deus revelar a verdade é operando-a na experiência do homem – desenvolvendo-a na vida, antes que possa penetrar no intelecto. Somente teremos o conhecimento de Paulo sobre a cruz quando adquirirmos a experiência de Paulo, isto é, devemos ser conduzidos ao mesmo ponto experimental do qual ele falou se quisermos entender a sua mensagem.

Ora, ela é a mudança de centro que Paulo descreve nessa passagem em 2 Coríntios, sobre a qual quero discorrer. Falamos sobre a cruz e a morte para o pecado, conforme mostrado em Romanos 6; a cruz e a morte para o mundo, conforme Gálatas 6; e algumas vezes sobre a morte e a vida do “grão de trigo” apresentadas em João 12.24, mas podemos receber luz sobre todos esses aspectos da cruz, e experimentar uma medida da libertação pela verdade, e, contudo, não conhecermos profundamente, no mais íntimo do nosso ser, a mudança de centro do “eu” sobre a qual o apóstolo fala em 2 Coríntios 5.14.

Em outras palavras, há algo precisando ser tratado que é mais profundo do que “o pecado” ou “o mundo”. Ele é o egoísmo – o “ego”, o “eu”. A cruz penetrou ali? “Eu”, disse Paulo, “daqui por diante não vejo nenhum homem carnalmente”. Quando o centro do “eu” é tratado, o panorama é inteiramente modificado. Mesmo a “visão” de “Cristo” pode ser “carnal”, isto é, do ponto de vista centrado no ego em vez de na “nova criação”, que é o ponto de vista que vem de “Deus”. É esse fundamento básico da vida interior ao qual devemos descer e examinar na luz da cruz. De nenhuma outra forma o Senhor pode colocar gratuitamente em nós os Seus rios de água viva, nem podemos ser conduzidos ao lugar de autoridade sobre os poderes das trevas, pois o ego está envenenado em sua fonte pela natureza caída do primeiro Adão.

Antes de prosseguir para elucidar isso nas Escrituras, deixo uma passagem do apêndice de *O Espírito de Cristo*, do Dr. Andrew Murray, na qual ele dá um resumo

dos escritos do Dr. Dorner<sup>4</sup>. Ele diz: “O caráter substitutivo de Cristo não é repressivo da personalidade, mas produtivo [...]. Ele não está satisfeito com a existência n’Ele da plenitude da vida espiritual na qual Seu povo está absorvido pela fé [...]. O propósito da redenção de Cristo está dirigido à criação, pelo Espírito Santo a quem Ele envia, de novas personalidades nas quais Cristo ganha um solidificado, estabelecido ser [...]. Como um novo princípio divino, o Espírito Santo cria, embora não substancialmente, novas faculdades, uma nova vontade, conhecimento, sentimento, uma nova autoconsciência. Em poucas palavras, Ele cria uma nova pessoa, dissolvendo o velho ponto da união das faculdades e criando uma união pura delas. A nova personalidade é formada em semelhança interior ao segundo Homem, no mesmo tipo de família, por assim dizer [...]. Pelo Espírito Santo o crente tem a consciência de si mesmo como um novo homem e o poder e o impulso vivo de uma nova vida, santa [...] a simples passividade e receptividade é transformada em espontaneidade e produtividade [...]”.

O Dr. Andrew Murray comenta sobre isso: “Este pensamento de que o Espírito de Deus, como o Espírito da personalidade divina, Se torna o princípio de vida de nossa personalidade é algo de extrema solenidade e de infinita frutificação. O Espírito não só habita em mim como uma

---

<sup>4</sup> August Johannes Dorner (1846 - 1920 ) foi um teólogo alemão e professor de teologia sistemática na Universidade de Königsberg.

localidade, ou dentro de mim, ao lado e em volta daquele ego interior no qual estou consciente de mim mesmo, mas dentro daquele ‘eu’ que se torna o princípio da nova e divina vida da nova personalidade. O mesmo espírito que estava e está em Cristo, o Seu Eu interior, se torna o meu eu interior. Que novo significado isso dá à palavra: “Aquele que se junta ao Senhor é um espírito com Ele!”. E que força dá à pergunta: “Não sabeis que o Espírito do Deus habita em vós?”. O Espírito Santo está dentro de mim como um poder Pessoal, com uma vontade e um propósito d’Ele próprio. Quando rendo minha personalidade à d’Ele, não a perderei, mas a acharei renovada e fortalecida pela sua mais alta capacidade...”.

Aqui claramente mostramos a mudança de “centro”, a qual Paulo tão intensamente compreendeu por meio da luz que teve sobre a cruz.

Três vezes ele confirma esta básica “nova criação” como a sua experiência: “[...] não sou eu quem vive” (Gl 2.20); “[...] ordeno, não eu, mas o Senhor [...]” (1 Co 7.10); “[...] trabalhei [...] todavia, não eu [...]” (1 Co 15.10).

Na igreja em Corinto, nas palavras de Paulo em 1 Coríntios 1.12, temos um vislumbre de um contraste para isso. “Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo [...]”. Mas Paulo não disse “eu” no sentido do “eu” como a origem e a fonte inspiradora das suas palavras e ações. “Eu” – sim, sou “eu” ainda, mas um novo “eu” –, uma nova personalidade. Um novo “ego”, como diz o Dr. Dorner: “Não ‘Cristo e eu’, com o ‘eu’ no centro, e

Cristo, por assim dizer, pelo Seu Espírito ao lado do ‘eu’. Mas uma ‘criação’ pelo Espírito Santo de um novo ‘eu’, porque o velho ‘eu’ cravei na cruz com Cristo (Gl 2.20)”.

Isso é algo inteiramente além do nosso poder de compreender mentalmente. A obra da “nova criação” deve ser feita pelo Criador tanto quanto na primeira criação no Éden. Não vamos enganar a nós mesmos e imaginar que “não mais eu, mas Cristo” é apenas um lema, uma escolha, um propósito. É isso, mas muito, muito mais. O Espírito Santo fará a Sua parte se virmos a nossa necessidade e nos dispusermos para a Sua obra mais profunda da graça em nós.

Aqui precisamos voltar à passagem mais vital sobre o significado da cruz que deve ser encontrada no Novo Testamento. Ela é parte da grande epístola doutrinária aos romanos, na qual o apóstolo estabelece as verdades fundamentais da Igreja cristã, exclusivamente sobre as quais toda a superestrutura da vida cristã pode ser construída.

Não levando em consideração a primeira revelação necessária da morte de Cristo como Propiciação para o pecado, para Deus (Rm 3.25), e então como Substituto para o pecador (Rm 5.6-10), chegamos à própria base do ponto focal da morte do pecador na morte do seu Substituto, em Romanos 6. Este é o fato espiritual que está na base das palavras de Paulo em Gálatas 2.20: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim [...]”. Como estamos familiarizados

com estas palavras, e até certo ponto com as verdades de Romanos 6, vamos tomar apenas uma palavra no capítulo, despojá-la do contexto e por meio dela compreender quão profundo e verdadeiro o fato central e básico do “eu” crucificado está destinado a ser. É a palavra “MORTOS” em Romanos 6.2 (Versão Revista e Corrigida). A versão Atualizada traduz “morremos”, de modo a ressaltar o tempo aoristo que está tão fortemente incluído nela.

A palavra grega é *apothnesko*. O Léxico Grego diz que esta palavra tem um prefixo “que traduz o verbo mais vívida e intensamente e representa a ação do verbo simples como consumado e terminado”. Ele também dá como significado da palavra: “morrer, expirar, tornar-se completamente morto”.

A mesma palavra é usada novamente no verso 7: “[...] porquanto quem morreu [*apothnesko*] está justificado do pecado”, e no verso 8: “Ora, se já morremos com Cristo [...]”. Agora é óbvio que se Paulo usou tal linguagem para a identificação do crente com Cristo em Sua morte, ele quis dizer algo mais do que uma “semelhança” ou uma figura.

Vamos por um momento imaginar o apóstolo ditando essas palavras aos romanos. Sabemos de outras partes das suas epístolas como magnificamente ele irromperia com explosões da verdade inundando seu espírito e mente, como com a própria luz do céu. E era sempre a “verdade” revelada pelo Espírito em resposta à necessidade. Aqui temos Paulo ditando a sua carta. Ocorre-lhe tratar

com a questão da “graça” superabundando além da mais funda profundidade da eclosão do pecado na raça humana, uma objeção feita pelos judaizantes que se opunham à sua doutrina, e o resultado é que irrompe de seu espírito a mais maravilhosa revelação da cruz. Esses judeus argumentavam que “se o pecado do homem inspirou uma exposição tão gloriosa da graça de Deus”, então “quanto mais os homens pecassem, mais Deus era glorificado”. Mas, diz, o apóstolo, a cruz trata não só com o pecado, mas com o pecador. Então ele irrompe em linguagem vívida e intensa: “Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?”. Isto é, na morte de Cristo MORREMOS PARA O PECADO, como um ato consumado e terminado, e aquele que está “morto” está liberto [da escravidão] do pecado (Rm 6.7).

Mais uma vez vamos observar que esta mesma palavra, *apothnesko*, MORTO, é usada em 2 Coríntios 5.14, Gálatas 2.19 e 21, Colossenses 2.20, bem como em Colossenses 3.3, “porque MORRESTES [...]”. Mas vamos ser cuidadosos aqui. Nessas passagens, ela não fala, absolutamente, da experimental obra exterior da cruz, mas de uma posição – uma posição básica central da identificação com a morte de Cristo – que tem de ser reconhecida e “considerada” pelo crente antes que o Espírito Santo possa fazer a Sua parte da obra. O ponto que quero asseverar é que todas as epístolas de Paulo, com as suas maravilhosas revelações da vida de Cristo para a Igreja, tiveram base na própria experiência pessoal de Paulo do “eu” – o “ego” – crucificado e que devemos nos voltar à mesma posição

básica do próprio apóstolo, “estou crucificado com Cristo”. “[...] já não sou eu quem vive [...]” se também devemos entrar em tudo o que a “vida celestial” significa experimentalmente.

Agora tendo lançado o fundamento da necessidade de um novo centro, de uma nova criação, novo “ego”, por assim dizer, vamos olhar para outras passagens que mostram que, com base no ter “morrido” para o pecado, como mostrado em Romanos 6.2, o apóstolo usa outras palavras para descrever a experimental obra exterior da cruz.

Em Romanos 8.13, ele escreve: “[...] se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo. A palavra grega usada é *thanatoo*. O Léxico Grego diz sobre isso: “tirar o princípio vital, a perspectiva é a falta de vida daquilo cuja vida foi tirada”. Aqui está a obra do Espírito Santo com a qual o crente tem de cooperar. Com base na fé da “morte” (Romanos 6.2), o crente deve agora “fazer morrer” os “feitos” do corpo, isto é, render à cruz toda a atividade da natureza caída, e quando assim o faz, essa atividade cessará, pois a “cruz” trata com a vida caída que energiza os “feitos” incitados por ela.

Há ainda outra palavra usada por Paulo na mesma conexão, que é *nekroo*, em Colossenses 3.5, referindo-se aos membros do corpo. A Versão Corrigida diz “mortificai”, a Versão Atualizada diz “fazer morrer” e a nota do Léxico diz que é “tornar um corpo morto ou um cadáver, a perspectiva se relaciona ao cadáver e à ação

pela qual se tornou assim”, isto é, os “membros” do “corpo” devem ser conduzidos em todas as suas ações em harmonia com o fato central da “morte com Cristo”. Os “membros” devem se tornar “mortos”, de forma que não devem mais ser energizados pela vida caída de Adão, mas trazidos sob o poder da cruz. Assim, eles se tornam “mortos para o pecado” e vivos para Deus ao Seu serviço (Rm 6.13).

E ainda há mais. As palavras *apothnesko* (morrer para o pecado), *thanatoo* (conduzir os feitos do corpo sob o poder dessa morte), *nekroo* (privar os membros do corpo da atividade da velha vida) não cobrem inteiramente o assunto. Em 2 Coríntios 4.10-11, há outra palavra, mostrando que não haverá nenhum ponto em nossa vida na Terra em que a necessidade da aplicação da cruz cessará. No verso 10, lê-se: “[...] levando sempre no corpo o morrer de Jesus” [...]. A palavra “morrer” é *nekrosis* – colocar na morte. O Léxico diz que é “expressivo da ação estar incompleta e em progresso”. No verso 11, a palavra “morte” é *thanatos*. A obra profunda de Deus no centro é apenas o começo de tudo que tem de ser operado em nós pelo Espírito Santo.

Quão claramente as palavras gregas usadas apresentam a base da posição de ter “morrido” na morte de Cristo e o progressivo “colocar na morte” permanentemente, que deve ser feito dia a dia. “Em meu corpo carrego continuamente a morte de Jesus”, escreve o apóstolo, mas novamente a exatidão verbal do grego é mostrada no uso da palavra *thanatos* (morte) no verso 11. O Léxico diz que isso descreve a cessação da vida de qualquer espécie, isto

é, o “morrer” do verso 10 ao qual o crente sempre está entregue pelo Espírito Santo tem o objetivo de ocasionar a cessação da atividade da velha vida natural – e isso não é uma vez para sempre, mas continuamente. Então isso significa apenas que do centro à periferia a identificação do crente com Cristo em Sua morte é uma necessidade para o crescimento da nova vida no centro para a plena maturidade.

## CAPÍTULO 3

# *A Mudança de Perspectiva por meio da Cruz*

Vamos nos voltar por um momento para 2 Coríntios 5.14-16: “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram [n’Ele] [...] Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo”. Aqui temos o resultado da mudança de centro para um ponto inteiramente novo de visão, isto é, quando o “eu” é crucificado há uma mudança na perspectiva! Não vemos mais nenhum homem do ponto de vista ordinário da carne, trocamos a visão terrestre pela visão de Deus. Os coríntios tinham acusado o apóstolo de estar “louco” em seu zelo a Deus, mas ele responde mostrando como a fonte central fez toda a diferença. Agora vá aos evangelhos para ver que isso foi o verdadeiro tipo de vida vivida por Cristo quando caminhou na Terra como homem.

Vamos ler primeiro as palavras do Senhor em João 5.19 e 30: “Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo

que vir fazer o Pai [...]”. “Eu nada posso fazer de mim mesmo [...]”.

A cruz tem o propósito de nos levar a essa posição e privilégio. Não só a identificação com Cristo em Sua morte, como um fato judicial, mas uma vida prática em que o “eu” é mantido no lugar da morte, de modo que isso resulte em tal união com o Senhor Ressurreto, para que a todo o momento confiemos n’Ele como o nosso novo centro, a nossa fonte até do ato de falar, como Ele dependeu de Seu Pai, dizendo, dentro do nosso limite, como Ele disse: “Eu nada posso fazer de mim mesmo”. Portanto, quando Cristo é a fonte central da vida de um crente, como ele é ensinado pelo Espírito, extraí d’Ele até as palavras. Que revolução isso faria em nossa conversação e no teor geral de nossa fala.

A vida da “velha criação” é muito profusa. Mas quando Cristo se torna o nosso centro, e o “eu” é deixado na cruz, toda a vida é trazida à luz para ser colocada sob Seu controle. Então é possível que você fique lento para falar, já que a faca da cruz trata com a linguagem natural profusa e difusa – o que podemos descrever como a “conversação desnecessária” –, e o clamor da Terra se extingue! Você então estará disposto a sentar-se em silêncio quando não tiver nada para dizer e, além disso, ainda poderá estar em meio ao tumulto das línguas e estar contente porque não pode participar das correntezas naturais da Terra.

Na Igreja de Cristo há uma vasta quantidade de conversação infantil. Possa o Senhor nos levar à cruz para ter a eloquência do “eu” extirpada. O que será feito sobre o nosso falar? Devemos consentir em ser como João Batista e dizer: “Sou uma voz”? Possa o Senhor tratar com as nossas palavras. “Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno” (Mt 5.37). O maligno está trabalhando na vida da velha criação e sabe como excitar e inflamar o fluxo da conversação. Mas o Senhor diz que “sim” ou “não” é suficiente, se estivermos confiando n’Ele para nos capacitar a falar segundo a Sua vontade. Seremos um povo mais controlado por Deus em nossas palavras e ações? Decidiremos não “falar”, exceto quando Ele der as palavras, e consentiremos em eliminar a propagação da fala natural? Quanto melhor é falar poucas palavras, dadas na confiança de Deus, do que uma enchente de fala vazia.

Estamos dispostos a ser levados àquele lugar onde não podemos “fazer nada” sem nosso Deus? Onde não podemos fazer nada de nós mesmos? Perder a nossa habilidade “natural”, no sentido de utilizá-la à parte de Deus? Ah, o perigo de quem fala nos púlpitos. Há uma grande diferença entre manusear a sagrada Palavra de Deus e o Espírito Santo manuseá-la por nosso intermédio, e ainda reconhecer que, a não ser que Deus revele a Palavra, a nossa fala é em vão. O Senhor tira de nós o poder para fazer qualquer coisa sem Ele.

“O Filho nada pode fazer de si mesmo.” Vamos deixar na cruz as nossas habilidades naturais e desejar

realmente sentir que essas palavras são verdadeiras. Então seremos libertos de toda a pomposidade e ostentação em nossa obra e nos tornaremos simplesmente dependentes e incapazes, confiando de fato no Cristo vivo a cada minuto. Foi Jeremias quem disse: “Senhor, não posso falar, sou uma criança!”. Em Sua grande graça, o Senhor Jesus Cristo foi uma criança para com o Seu Pai em todas as coisas. Quando Ele caminhou no meio dos homens, disse: “Não falo de Mim mesmo”, e Ele estava ouvindo e confiando em Seu Pai para julgar todas as coisas e todos os homens em torno d’Ele, todo o tempo (veja João 5.30).

Precisamos muito desse poder diferenciador. Podemos conhecê-lo se continuarmos a compreender que Cristo vive em nós. Para isso, vamos deixar de lado tudo o que alimenta e fortalece o “eu”. Por causa do pecado na mente e na vontade, é impossível para o homem natural julgar sem ser tendencioso. “O meu juízo é justo”, disse o Senhor, porque Ele “julgava” confiando em Seu Pai. O clamor no meio do povo hoje é por “justiça”. Ele deseja o justo juízo. Qualquer homem que vê que você não é tendencioso em seu julgamento confiará em você. “O meu juízo é justo.”

Agora vamos nos voltar para João 7.17: “Se alguém quiser fazer a vontade dele [de Deus], conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus ou se eu falo por mim mesmo”.

À luz do tema que estamos considerando, essas palavras são maravilhosas. Veja o verso 18: “Quem fala por si mesmo [isto é, de si mesmo] está procurando a sua

própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça”. Esta não é apenas uma declaração da atitude do Senhor, mas inclui um princípio cuja chave, no crente, é o egocentrismo levado à cruz. Sabemos que o Senhor Jesus Cristo falou as palavras de Deus, mas Ele diz que nenhuma atitude tendenciosa é necessária para a recepção daquelas palavras! Isto é, se alguém deseja fazer a vontade de Deus sem nenhum preconceito ou hesitação, então provará por si mesmo a origem divina das palavras do Mestre.

Qualquer ação originada no ego tem sempre a “si mesmo” como o seu objetivo, embora possa não parecer assim. O que vem de “si mesmo” busca a “si mesmo”, e o que vem de Deus busca a vontade de Deus sempre, em todo o tempo. O egocentrismo levado à cruz para o desalojamento do “eu” como a fonte originária das ações em palavras ou obras é o único princípio sobre o qual Deus pode Se revelar e fazer conhecida a Sua verdade aos homens. Dessa forma, quando a Palavra de Deus nos é revelada, podemos estar firmes e imóveis nessa Palavra como a genuína Palavra de Deus.

Em João 8.28, lemos: “Quando levantardes o Filho do Homem, então, sabereis que EU SOU e que nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou”.

Agora a pergunta para nós é: Deus nos conduzirá individualmente ao fato fundamental do “eu” crucificado para que Cristo seja o novo centro do nosso ser? Ele alcançará o próprio centro para que o “eu” seja reconhecido por

nós como desalojado e crucificado, para que o Espírito Santo possa recriar e produzir uma nova personalidade, segundo o padrão do Homem Cristo Jesus? Pediremos a Ele para fazer isso?

## CAPÍTULO 4

# *O Caminho da Cruz*

Agora chegamos à obra exterior da cruz subjetivamente como uma lei da vida que sai da morte para a frutificação. Devemos ser conduzidos a uma comunhão real com Cristo em Sua morte. Há um conhecimento experimental da cruz. O Espírito de Deus aplica a morte de Cristo a nós e então o poder de vida da ressurreição. Ele começa no centro e opera até a periferia. No caminho da comunhão com a Sua morte, primeiro aprendemos a libertação do espírito, em seguida descobrimos como isso opera no reino da alma – que está relacionada com o intelecto, as emoções e as inclinações – e então como isso opera na esfera do corpo.

Mas devo indicar que embora esta possa ser a sequência da obra de Deus, Ele não opera sempre nesta ordem. Às vezes, os crentes começam por um dos estágios posteriores e então têm de ser levados para trás para aprender os primeiros elementos da verdade. Depende muito do seu ambiente e do conhecimento daqueles que os ajudam no início de sua vida cristã. Além disso, com alguns o Senhor não pode operar muito rapidamente. Ele ajusta os Seus tratamentos à limitação da alma e tem todos os tipos de métodos e formas de operar (1 Co 12.6). Não

vamos pedir a Ele para colocar todos nós em um molde de experiência.

Agora vá a João 12.24, onde lemos: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto”. Então o Senhor aplicou o significado dessa Sua declaração aos discípulos individualmente e ao mesmo tempo estabeleceu uma lei no reino espiritual análoga à lei da natureza. Ele disse: “Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, siga-me [...]” (versos 25-26). Isso claramente não é o mesmo aspecto da cruz quanto à morte para o pecado. Não há nenhuma libertação gradual do pecado, nenhum processo gradual de morte para o pecado ou libertação do mundo, ou da carne. O Espírito de Deus não diz “um pouco hoje”, um “um pouco amanhã”, mas para todo pecado e toda obra da carne, assim que você se torna ciente de ambos – “renuncie-os!”. Romanos 6, portanto, propõe que você “considere” a si mesmo “morto” para o pecado, mas João 12.24 fala de uma lei gradual e progressiva de morte com relação à frutificação. Não fala da separação daquilo que está errado, mas daquilo que é lícito – daquilo que temos por natureza –, a vida. “Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida”, disse Satanás a Jeová sobre Jó (Jó 2.4). É essa “vida” que o Senhor pede àqueles que o seguem para abandonar por causa d’Ele, e no cumprimento da lei da morte para a frutificação, isto é, a “vida” que temos por natureza

tem de passar pela “morte” para permitir que a “vida” de Deus em nós produza fruto.

No verso 25, isso é claramente visto no original grego, porque as duas palavras traduzidas como “vida” não são as mesmas. Uma delas significa a forma mais baixa da vida, a vida natural – aquela que compartilhamos em comum com os animais. A outra é a vida eterna – a vida que possuímos de Deus no novo nascimento, pela qual somos feitos participantes da natureza divina. A passagem pode ser lida assim: “Quem ama a sua vida (*psuche* – natural) perde-a (isto é, o fruto dela na eternidade); mas aquele que odeia a sua vida (natural) neste mundo preservá-la-á (isto é, salvará da perdição eterna) para a vida (*zoe*, vida eterna)”.

Os filhos do Senhor estão, na grande maioria, muito mais preocupados com a questão da vitória sobre o pecado, e é necessário que estejam, mas quando conhecem o caminho da vitória sobre o pecado, esquecem que há outra e mais profunda fase da cruz além dessa. É então uma questão não de pecado, mas de vida pela qual vivem e atuam. Como alguém disse, a vida natural não tem nenhum poder de “sustentação” na esfera espiritual. Ela não tem nenhum poder de frutificação no reino espiritual. É por isso que alguns crentes se fadigam tanto e obtêm tão pouco fruto. Eles conhecem a vitória sobre o pecado, mas a vida natural é o seu poder estimulador no serviço e no uso habitual das suas faculdades, por exemplo, o intelecto é estimulado pela vida natural, bem como os afetos e as emoções! Não é preciso ser algo pecaminoso no uso do

intelecto ou afeições, mas as suas “virtudes” próprias provêm da vida natural, e não da vida de Deus dentro deles.

Ter a vida natural como o poder estimulador no crente em vez da vida de Deus significa impotência no conflito espiritual, pois um inimigo espiritual não pode lutar com o homem “natural”, com armas naturais. Por isso, por andarmos na vida natural, estamos a ponto de sermos fracos na batalha com os poderes das trevas. Eles são sobrenaturais e só podem ser alcançados pelo poder espiritual. Muito embora possamos, no âmbito de nossa consciência, ter vitória sobre o pecado conhecido, precisamos aprender profundamente a forma de “odiar” ou rejeitar a vida natural, como o próprio Senhor Cristo derramou Sua alma sem pecado no Calvário.

“Se alguém me serve, siga-me” (Jo 12.26), disse o Senhor enquanto falava da lei espiritual da vida que procede da morte e a forma de sacrificar a vida natural para a manifestação frutífera da vida de Deus. No Calvário, Ele entregou Seu espírito a Deus, mas derramou Sua alma até a morte – e morte de cruz. Portanto, o Espírito de Deus nos conduz em um caminho onde também derramamos a nossa vida da alma até a morte, em comunhão com o Senhor no Calvário. Esse é o significado de Deus tomar você pela mão e o conduzir através de experiências em que você perde toda a vida consciente nos sentimentos; por exemplo, toda a presença “consciente” de Deus no campo do sentimento. Em tal caminho, é como se você tivesse perdido toda a sua vida “espiritual” e ainda assim é capaz de dizer: “Estou confiando em Deus absolutamente, sem qualquer

emoção, sem qualquer consciência. Estou andando em simples fé”.

“Eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis frutos” (Jo 15.16), disse o Senhor, então no devido tempo, quando a vitória sobre o pecado é reconhecida, o Espírito Santo conduz a alma a um caminho onde a vida natural e emocional cessa e, até certa medida, a vida ativa, enfadonha e intelectual, perde seu poder de atividade desperdiçadora. Ele faz tudo isso de muitos modos diferentes com aquele que quer conhecer a vida mais plena de frutificação e está disposto a seguir o seu Senhor, como um grão de trigo que cai na terra para morrer!

Vamos pensar um momento naquela figura do grão aplicada ao crente. O grão pode ter uma bela cobertura, mas é dura. O germe da vida está preso nele. Ele não pode escapar. Preso no grão, ele não produz nada. O único modo de torná-lo frutífero na produção de outros grãos é deixá-lo cair na escuridão da terra, onde perde sua casca exterior, sua beleza e até a luz solar, e tudo o que faz a “vida” bela enquanto se aninhava em seu lugar com os seus companheiros na espiga de trigo. Ele perde tudo quando fica separado e cai na terra. Depois de um tempo, se você o toma de volta, não encontrará nada da sua cobertura polida, mas haverá uma porção muito pequena da vida rompendo. Se for deixado no solo para dar a sua vida inteiramente, mais tarde uma nova vida surgirá da escuridão da terra para a luz do sol e se tornará uma espiga de trigo, que finalmente produzirá o fruto, trinta ou sessenta vezes.

Os filhos de Deus muito frequentemente evitam essa verdade do Evangelho. Eles querem ser “frutíferos”, mas não desejam o caminho para se tornarem frutíferos. Eles não querem se separar dessa consciência, ou vida da alma, na experiência espiritual. Deixe-me dizer, contudo, que há uma consciência no espírito que é permanente. A vida de Deus no espírito não tem nenhuma variação, mas as experiências espirituais na “alma” ou no homem “natural” são afetadas pelas circunstâncias e por todos os tipos de coisas externas. Porém, quando o “grão de trigo” cai na terra para morrer para todas as coisas exteriores, não se torna apenas frutífero, mas, no crente, o espírito se levanta na mais completa união com Deus. Então, quando a vida interior do espírito se firmou em Deus, ele se move na órbita do seu caminho com Deus, como os planetas que se movem em sua órbita nos céus. Essa vida imutável em Deus (Cl 3.3) nunca é totalmente conhecida até que o crente se desvincule das atividades da vida natural da alma.

Mais uma vez, note a lei do aumento em frutificação no caminho do grão de trigo. No reino da alma, o crente ganha outros um por um – um serviço para Deus a não ser desprezado ou desconsiderado –, mas como a vida de Deus em nós é capaz de reproduzir a si mesma, por causa do derramamento da vida da alma na morte, a lei do aumento é de um grão para trinta, e cada um dos trinta novamente em mais trinta. O aumento é pela multiplicação, à parte das atividades do crente. A vida de Deus em nós, livre para

agir em nós quando a vida da natureza é enterrada na morte, vivifica tudo o que ela toca.

Um antigo escritor descreve essa vida como uma “tintura”. Tome, por exemplo, uma gota de tinta, ou uma gota de leite, e ela “tingirá” um copo de água; por exemplo, quando a vida divina está no espírito, enquanto a vida da alma é derramada na morte, há uma “tintura” divina nas palavras que você fala. Então você pode dizer apenas algumas palavras simples, mas elas dão frutos. Você pode fazer a coisa mais comum, mas o seu ato simples deixa um selo eterno sobre a pessoa para quem você o fez. Vivamos de tal forma que tudo que dissermos ou fizermos tenha a “tintura” da vida de Deus. Isso é infinitamente mais valioso para Deus e para a pessoa, e mais frutífero para o crente, do que a mais maravilhosa experiência do “sentimento”, que termina em nada mais que a própria alegria do crente. Ela torna a vida diária “mediocre” cheia de Deus. É tão simples que quem a conhece está tão ocupado em ser “fiel no mínimo”, que não pensa se é “usado” ou não. Tal pessoa não clama por “poder” ou por mais “poder”, pois tem de considerar apenas o “ato de morrer”, isto é, a permanência na morte de Cristo, enquanto a vida de Deus “tingindo” todas as suas “ações” e trazendo fruto eterno é desconhecida para ela.

“Dá muito fruto!” Silenciosamente, discretamente, a vida do grão de trigo opera no mundo dos homens justamente da mesma forma que Deus sempre opera. Ele não faz nenhum alarido sobre o que faz e não toca a trombeta contando o que fez ou fará. Você pede a Ele para fazer

algo em oração, mas Ele não envia uma mensagem anunciando que o está fazendo! Aquilo apenas “acontece” como devia, e o mundo não sabe nada sobre ele. É a beleza da maravilhosa obra silenciosa de Deus! Os homens são tão semelhantes a um alarde e a toques de trombetas. Mas pense nos fracos filhos de Deus no mundo como grãos de trigo, produzindo outras almas divinas e afetando todo o mundo sem alarde, sendo apenas o que são e andando com Deus, com a tintura de Deus que toca tudo. Não é esse quadro mais digno de Deus, por ser tão oposto ao caminho do homem, do que algo espetacular? Há sempre um pouco de perigo em relação ao “maravilhoso” dos crentes, porque está sujeito a ser atribuído à pessoa. É muito melhor que pareçamos “mediócras”, até espiritualmente, e muito insignificantes em nossa falta de “poder” visível, enquanto Deus faz a Sua obra silenciosa através de nós na frutificação do grão de trigo, e nenhuma glória nos será atribuída nem a nossa pessoa, chamada de “maravilhosa!”.

Veja agora onde os afetos entram nessa questão de vida rendida. É mais fácil separar-se de tudo, menos da vida. “Quem ama a sua vida perde-a”! Isso significa dizer que você não levará nada para a eternidade. Você pode ter vitória sobre o pecado já e ser feliz. Está tudo bem, mas quem “ama a sua vida” – embora se aparte do pecado – não conseguiu reproduzir o poder, o poder de alcançar outros e atraí-los para a vida do céu. Ele está apegado à vida que não pode se multiplicar e produzir fruto para a eternidade. Esse é o segredo da falta do poder de se multiplicar nas igrejas em todo lugar. Eles se apegam à “vida” – a vida da

alma com todos os seus desejos pessoais e esperança de ganho pessoal – que não pode se multiplicar.

O que faremos então quando compreendermos isso? Somos seres responsáveis. Temos uma escolha. Deus opera em nossas escolhas. Diga: “Escolho isso. Confio n’Ele para fazê-lo”. É muito simples. “Escolho render a minha própria vida para alcançar outro!” Então você “a guardará para a vida eterna”. Faça essa transação com Deus e então não estremeça nem volte atrás, já que Ele guia você da forma que somente Ele pode fazer. Mas há mais nisso do que apenas a escolha voluntária. Devemos voltar ao Calvário.

Deixe-me levar você novamente a Romanos 6, e no verso 5 você terá a mesma verdade de outra forma, mostrando mais claramente como essa troca de vida se realiza no Calvário. Em João 12.24, o Senhor falava primeiramente d’Ele, mas a mesma lei é para Cristo e para os Seus membros. Vamos ler Romanos 6.5: “Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte [...]”. A nota de rodapé da versão Conybeare diz: “Literalmente, tornamos participantes de uma união vital [como aquela do enxerto com a árvore na qual é enxertado]”.

Aqui encontramos novamente o segredo dessa vida do grão de trigo, definitivamente em conexão com a união do crente com Cristo em Sua morte. “Fomos enxertados.” Quem faz o “enxerto”? Não podemos fazê-lo nós mesmos. É a obra do Espírito Santo. Devemos ser enxertados na morte de Cristo.

O que o jardineiro faz em seu trabalho de enxerto? Ele corta a casca da haste [a árvore que vai receber o enxerto] e coloca o enxerto em seu lugar no corte da casca, amarra-o e deixa as tiras ali por algum tempo. Quando as remove, o que aconteceu? A árvore e o enxerto se tornam unidos em uma vida. É exatamente isso que o Espírito Santo tem de fazer conosco. Devemos ser enxertados em Cristo em Sua morte, para que possamos viver pela Sua vida – a Sua própria Vida Ressurreta, a qual obteve saindo da morte. Devemos nos tornar participantes de uma união vital, pela qual a Sua vida se torna a nossa, quando deixamos a vida natural.

Você tem outra figura semelhante em Romanos 11.17: “Se, porém, alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo oliveira brava, foste enxertado em meio deles e te tornaste participante da raiz e da seiva da oliveira,” escreveu Paulo aos crentes gentios, “pois, se foste cortado da que, por natureza, era oliveira brava, e, contra a natureza, enxertado em boa oliveira, quanto mais não serão enxertados na sua própria oliveira aqueles que são ramos naturais!” (verso 24). Isso é tão verdadeiro para o crente espiritualmente. Somos enxertados em Cristo contra a natureza – isto é, a nossa própria natureza – para que possamos compartilhar da Sua vida Ressurreta e viver uma vida na Terra que também é “contra a natureza”. Somos chamados para viver uma vida na Terra que o velho eu natural é incapaz de viver, e fazemos isso sendo enxertados em Cristo, tão vitalmente, que somos levados a “compartilhar a raiz e a riqueza” que é nossa n’Ele.

Agora, deixe-me enfatizar o fato de que ser enxertado na morte de Cristo não é uma teoria. Isso não significa que o crente vive pela vida natural e a chame de “vida de ressurreição”. Há aqueles que são compelidos pela mais completa fraqueza a provarem a realidade de um verdadeiro compartilhamento da vida de Deus. Quando a sua própria vida física depende de seu conhecimento da realidade de tudo isso em Deus, então você sabe que Deus é um Deus vivo. Se a Palavra de Deus não fosse verdade, e o poder da ressurreição de Cristo não fosse uma realidade, você não estaria vivo. Isso é o que significa para alguns viver “contra a natureza”, extraindo a riqueza da “oliveira” – o Cristo Vivo.

Resumidamente, vamos agora ver como essa lei da vida que provém da morte penetrou na experiência de Paulo e nos seus escritos. Se você refletir sobre as suas epístolas sob essa luz, conhecerá a vida interior de Paulo e entenderá o significado de tudo o que ele disse e fez, porque você mesmo conhece algo da vida que operou nele. A vida de Paulo é maravilhosa, e é possível para todo crente que aprende o seu segredo. Possa Deus enviar alguns Paulos para trabalhar como ele trabalhou, com uma completa despreocupação pela vida. “Enxertado” na morte de Cristo, na verdade, ele deu a sua vida pelos irmãos. Isso está ao alcance de todos nós. Não importa se somos velhos ou jovens, educados ou sem educação. Não importa se tivemos um treinamento escolar ou nenhum treinamento, essa vida que provém da morte pode ser trabalhada em nós e vivida por nós, e podemos ser frutíferos para Deus onde

quer que estejamos. Ninguém brigará com tal pessoa, porque a vida é o testemunho. Os homens não brigam com a vida de Cristo vivida em e por nós em sacrifício abnegado. Mas isso requer olhos abertos para ver como essa vida somente pode vir a nós na e pela morte no Calvário; para ver a vida que provém da morte como a lei do universo; a lei entrelaçada como o princípio básico do universo – a lei do sacrifício vicário.

Vamos ler um dos quadros notáveis de Paulo sobre a vida do grão de trigo, como apresentado em 2 Coríntios 4.7-11: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal”. Isso não é bastante claro? Enxertado na morte de Jesus, o crente é “diariamente entregue à morte” para que a vida de Jesus possa ser manifestada.

Um dos efeitos dessa “morte” é que perdemos certa “dureza” exterior que a maior parte de nós tem por natureza, como se o barro do vaso terreno atuasse como um véu da verdadeira vida interior. Muitas vezes, os outros se deparam com o “barro” exterior, e não a vida interior de Jesus. Mas à medida que a casca do “grão de trigo” é quebrada, surge uma simplicidade de conduta e ausência

de circunspeção que permitem à vida interior brilhar e atrair outros para virem a você sem medo. Como o pobre mundo e as almas solitárias na igreja perdem essa “tintura” de Deus através dos Seus filhos. Há uma barreira, dizem eles, entre o empregador e o empregado, mas há também uma barreira entre os cristãos e os não salvos, que não deveria haver. Eles querem ganhar as pessoas, mas não podem por causa dessa “reserva” e casca externa. Eles querem apertar a mão cordialmente, mas não sabem como fazê-lo. Que possamos ser tão enxertados na morte de Jesus que a própria vida de Jesus, em Seu amor de coração pelas almas, se manifeste em nós e através de nós – um coração por todas as almas que você encontrar, até mesmo as pessoas com quem você faz negócio todos os dias. Um coração que não lhe permitirá “dirigi-las” e “empurrá-las”, ou ignorar as suas preocupações, porque está tão preocupado consigo mesmo.

Não é maravilhoso que o Cristo do Calvário veio e viveu primeiro a vida que Ele quer que nós vivamos? “Cristo Jesus [...] subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus”, mas se despojou da Sua glória e assumiu “a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens”. Ele veio e a viveu primeiro, e então por meio da Sua morte, e nossa morte com Ele, deseja vivê-la toda novamente em nós, dizendo do pobre mundo escuro dos homens: “Por meio dos Meus filhos eles Me entenderão, pois há o mesmo espírito neles que houve em Mim”. Podemos entender agora por que Paulo foi capaz de dizer: “Agora me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e

preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja [...]” (Cl 1.24), e novamente em Filipenses 2.17-18: “Entretanto, mesmo que seja eu oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, alegro-me e, com todos vós, me congratulo. Assim, vós também, pela mesma razão, alegrai-vos e congratulai-vos comigo”. Você se “alegra” quando outros se esvaziam por você por causa de Cristo? Não, você diz, estou disposto a ser gasto, mas não quero que ninguém seja gasto por mim! Ah, mas é preciso muita graça para algumas personalidades independentes para permitir que alguém seja “gasto” por elas! Mas Paulo disse: “Embora o meu sangue seja derramado, alegro-me... e do mesmo modo, alegrem-se”.

Nem Paulo, nem outros devem ser despojados de seu fruto quando desejam dedicar a sua vida a outros. Como dói quando aqueles em necessidade não estão querendo que se faça algo por eles. Tome cuidado para que não haja “ego” nem mesmo nisso. Cristo, em troca da alegria que Lhe estava proposta, suportou a cruz. Há uma alegria no sacrifício por outros que é divina. “O Minha alegria lhes dou!” “Alegria” na véspera do Calvário! Esse é o caminho experimental. Nós o seguiremos? Você diz “sim”? Então deixe o Espírito Santo dirigir você e as suas circunstâncias e executar isso do Seu próprio modo.

Deixe-me dar apenas uma palavra de experiência pessoal. Eu era completamente um bebê na vida de consagração quando Deus começou a ensinar-me essas coisas. Lembro-me certa vez de que fiquei completamente doente

com a alegria de ser usada por Ele para ganhar uma alma. A alegria foi tão grande que disse: “Oh, Senhor, realmente não posso suportá-la!”. E então Ele disse muito suavemente em resposta: “Como você poderia suportar ser usada para ganhar quinhentos?”. E então disse: “Você se separaria de toda essa ardente ‘alegria’ que a esgota e Me deixaria apenas tê-la e usá-la para os outros, sem nada para você mesma?”. Eu compreendi a sabedoria disso e disse: “Sim, Senhor”, e logo descobri que posso passar por situações maravilhosas de bênção para os outros, as quais antigamente teriam me esmagado com “alegria”, sem qualquer exaustão da minha frágil estrutura!

O segredo de uma vida frutífera é, em poucas palavras, se derramar por outros e não querer nada para si mesmo; deixar-se completamente nas mãos de Deus e não se importar com o que lhe acontece. Devo muito também aos livros de Madame Guyon e à maneira como ela mostrou o caminho para a vida em Deus. A primeira vez que li sobre a sua vida me tocou profundamente. Eu estava no vicariato em Richmond (Surrey, Inglaterra), no quarto da senhora Evan Hopkins. Eu era uma cristã bastante jovem. Nunca tinha ouvido falar de Madame Guyon, mas naquele quarto peguei o livro sobre a sua vida e perguntei se poderia lê-lo. Eu estava no auge de uma experiência gloriosa do batismo do Espírito Santo. A glória da presença consciente do Senhor comigo era tão inexprimivelmente doce que era muito difícil conduzir a mente aos assuntos comuns da vida. Mas quando li o livro, vi claramente o caminho da cruz e tudo o que ele podia significar. A princípio, joguei o

livro no chão e disse: “Não! Não irei por esse caminho, perderei a minha experiência ‘gloriosa’”.

Mas no dia seguinte peguei-o novamente, e o Senhor sussurrou muito suavemente: “Se você quer a vida profunda e a inquebrantável comunhão com Deus, este é o caminho”. Pensei: “Quero?”. Não! E novamente guardei o livro. No terceiro dia, peguei-o novamente. Mais uma vez, o Senhor disse: “Se você quiser o fruto, este é o caminho! Não tirarei de você a vida de alegria consciente, pode guardá-la se quiser; mas ou é isso para você mesma, ou é isso e o fruto. Qual você quer?”. E então, pela Sua graça, disse: “Escolho o caminho da morte para a frutificação”, e cada partícula da experiência consciente terminou. Andei durante algum tempo em completa escuridão – o que Guyon descreve como a “escuridão” da fé –, que pareceu como se Deus não existisse. Mais uma vez, pela Sua graça, eu disse: “Sim, só obtive o que concordei obter” e fui em frente.

Eu não sabia qual seria o resultado disso até que fui participar de algumas reuniões e então vi o “fruto”. Foi exatamente como se as pessoas tivessem sido encharcadas em uma maré de vida do céu! Não foi um caso de bênção individual – as pessoas foram todas submersas em uma maré de vida de Deus que as vivificou, as libertou e as trouxe para uma nova vida. Não precisei falar-lhes pessoalmente. Parecia não haver nada para fazer, a não ser entregar a mensagem como Deus a deu a mim, e o Espírito Santo fez o resto. Naquele momento, entendi, e soube inteligentemente, que era o “morrer”, e não o “fazer”, que

produzia o fruto espiritual. Que Deus abra os nossos olhos para ver o caminho e consentir em seguir a Cristo em Sua chamada para ir com Ele para a terra para morrer e assim produzir o fruto que permanecerá para a eternidade.

## CAPÍTULO 5

# *O Lado Vivificador da Cruz*

“Ressuscitados com Ele.” – Colossenses 2.12

O Dr. Mabie diz em um dos seus livros: “Nas Escrituras, a morte reconciliatória e a ressurreição sempre foram consideradas juntas. São partes inseparáveis de uma unidade real – PARTES GÊMEAS DE UM FATO”. Essa é uma afirmação muito clara e verdadeira, mas na experiência e no ensino o perigo está em não equilibrar as “partes gêmeas”. Isso afeta os resultados práticos na vida, pois você não pode ter o poder “positivo” da vida sem a aplicação “negativa” da morte. Se houver muito do “negativo”, que é a morte, então haverá muito pouco do “positivo” na vida prática. Se você enfatizar demais o “positivo” – a “vida” de ressurreição –, então não consegue “negativo” suficiente – a aplicação da morte – para tratar com a vida do velho Adão, que está no caminho da nova criação e tem de ser tratada pela “morte” dando lugar para a vida de Cristo. Portanto, as duas devem ter ênfase igual e, por assim dizer, correr juntas na vida cristã – a morte e a vida, o Calvário e a ressurreição –, “partes gêmeas de um fato”.

Deixe-me repetir mais uma vez: a experiência do crente é exatamente proporcional à apreensão experimental e à cooperação do Espírito de Deus na aplicação do lado “negativo” da “morte com Cristo”, para que ele adquira a comunicação real, experimental e “positiva” do poder da ressurreição. Os dois lados dessas verdades devem funcionar exatamente juntos. É por não compreenderem isso que há tantos cristãos parciais. Eles são tão “negativos”, por viverem muito no lado da “morte”, que não têm nenhuma atividade da vida; ou estão tão ansiosos para evitar o “negativo” – a ênfase exagerada na “morte” – que insistem muito no lado “positivo” da vida, e na experiência correm o risco de chamar a velha vida natural de vida de ressurreição. Precisamos ter o equilíbrio para obter uma real comunicação da vida de Deus. Mas é tão “humano” ir para os extremos!

Somente quando conhecemos o perigo e confiamos em Deus para nos guardar é que podemos ser mantidos espiritualmente sóbrios e equilibrados na verdade. Quando estamos conscientes das dificuldades disso por causa das nossas limitações humanas, somos menos dogmáticos em nossas afirmações a outros sobre nós e as nossas “visões”. Podemos sempre estar seguros de tudo o que está claramente escrito na Palavra de Deus, mas não estar sempre tão seguros de que pessoalmente temos o conhecimento pleno do significado da Sua Palavra.

Agora vamos nos voltar novamente a Romanos 6 e ver como os versos 10 e 11 apresentam não somente o que podemos chamar de o lado mortal da cruz, mas a chave

para o lado vivificador da nossa união com Cristo em Sua ressurreição. “Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em CRISTO JESUS nosso Senhor”. Nas três palavras “em Cristo Jesus” temos a chave para a vida de união com o Senhor Ressurreto. Morremos com Cristo na cruz para que possamos “viver para Deus” inteiramente em outra esfera, “em Cristo Jesus”.

Se você ler o verso 13, encontra: “[...] ofereci-vos a Deus, como ressurretos dentre mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos [...]”. E o que significa estar “em Cristo Jesus” no lado da ressurreição da cruz? Vá a Romanos 7.4: “[...] vós morrestes relativamente à lei, por meio do [da união com o] corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos [...]”. No rodapé da Bíblia Scofield a palavra é “unido”. “Morto” é o lado “negativo” da verdade da morte; “unido” com o Senhor Ressurreto é o lado “positivo” da verdade. Partes gêmeas de um fato. Por isso, não há nenhuma comunicação da Sua vida Ressurreta à parte d’Ele. Além disso, “união” é uma união do espírito. “Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele” (1 Co 6.17), não uma alma. Por isso, o lado “negativo” da morte com Cristo significa praticamente uma separação, ou divisão, ou corte daquilo que impede a união do seu espírito ao Cristo Ressurreto. O resultado experimental da cruz é realmente uma libertação do espírito. Foi realizada, por assim dizer, no controle da alma e da “carne”. Ele foi tão envolvido com

a vida natural que não pode ser totalmente unido a Ele, que é um Espírito vivificante. Mas como o “corte” é feito? Como o Espírito de Deus aplica a cruz e ocasiona a separação mortal pela qual o espírito está livre para ser unido a Cristo?

Encontramos isso em Hebreus 4.12: “Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito [...]”. Aqui temos uma divisão e algo que é imaterial e intangível. A “Palavra”, portanto, é uma arma espiritual, atuando como uma espada na esfera espiritual – como uma espada corta no reino material – e de fato “dividindo” as coisas imateriais. Essa parte da Palavra que faz isso é a palavra da cruz, que “divide” a alma do espírito, primeiro por dar ao crente as distinções entre os dois e, em segundo lugar, separando os dois quando o crente se rende à operação da “palavra da cruz”, que fala da morte com Cristo.

Também é dito que a “Palavra” discerne e revela os pensamentos, porque “todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas”. Note que é o próprio Senhor usando a espada para cortar a velha vida do eu, com quem temos de prestar contas. Somente Ele sabe como manejar a “espada do Espírito”, que “cortará” como uma faca, para que o espírito seja separado ou “desenredado”, como diz um escritor erudito, “do abraço da alma”!

Tudo isso é psicológica e experimentalmente verdadeiro. No Apêndice do livro *O Espírito de Cristo*, o Dr. Andrew Murray dá uma explicação muito clara da divisão da alma e do espírito que tem de ser feita no crente. Ele explica como o ser humano caiu do “espírito”, que dominava todo o seu ser, na alma e então como a alma se afundou na carne, até que por fim Deus disse: “Pois este [o homem] é carnal”. Ele desceu do espírito para a alma e da alma para a “carne”. O espírito do ser humano, diz o Dr. Murray, é aquilo em nós que é capaz de conhecer a Deus – a consciência espiritual. A alma é a sede da autoconsciência, e o corpo, a sede da consciência do sentido. Uma compreensão da simples psicologia bíblica é necessária para qualquer apreensão da vida plena de vitória pela obra expiatória de nosso Senhor Jesus Cristo. Há mais para ser tratado em nós do que o que chamamos “pecado”, e mais do que “pecado” que impede o nosso conhecimento completo de Deus.

Mas para conhecer em verdadeira experiência o lado vivificador da cruz, devemos conhecer não somente a morte para o pecado, mas a palavra da cruz dividindo “alma” e “espírito”, para que o espírito seja liberto para se unir ao Senhor Ressurreto. Então, através do canal do seu espírito, “unido ao Senhor como um espírito”, a vida vivificante d’Aquele que é um Espírito vivificante entra na “alma” no poder da ressurreição. Pois a “alma” não é destruída, nem a individualidade do crente é destruída. Não nos tornamos autômatos, mas a “alma” – a personalidade – deve ser animada pelo espírito em vez de pelo reino mais

baixo da vida natural. Podemos dizer as mesmas palavras, executar as mesmas ações, mas com uma fonte diferente de vida animada por trás delas.

Então, quando o espírito é “um espírito” com o Senhor Ressurreto, é pelo espírito, na mente, que experimentamos a liderança do Espírito e o conhecimento íntimo da Pessoa de Cristo. É por meio do nosso espírito unido a Ele pelo Espírito Santo que o “conhecemos” pessoalmente – pois todo o propósito da verdade é que possamos CONHECÊ-LO, bem como o poder da Sua ressurreição.

Agora vá a Colossenses 2.6-7 para obter mais luz sobre o significado das palavras “em Cristo Jesus”. “Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele [...]”. Quando “recebemos” a Cristo, por um simples ato de fé, somos colocados n’Ele pela operação do Espírito de Deus. Cristo está em nós, e o nosso espírito está unido a Ele como o Ressurreto, mas também devemos habitar “n’Ele” como uma esfera na qual caminhamos dia a dia. Assim como começamos, devemos continuar – simplesmente confiando e contando com Ele e habitando n’Ele. O lado vivificador da cruz significa estar “vivo” para Deus – “em Cristo Jesus”.

“Nele radicados”, continua o apóstolo. Você não pode ser “radicado” em um lugar hoje e em outro lugar no dia seguinte. Por isso, olhe para as suas raízes. “Nele radicados.” “[...] não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz, a ti” (Rm 11.18). “E nele está o fundamento sobre o qual vós sois continuamente edificados, perseverando

firmente em vossa fé [...]” Isso claramente mostra a necessidade da nossa compreensão da cruz como a posição básica da qual nunca devemos ser movidos. É em Sua morte que devemos ser radicados. Jamais podemos prosseguir na vida negligenciando a cruz nem avançar para algum alvo deixando a cruz para trás. Fazer isso é ser como uma “árvore” que se recusa a “radicar-se” ao solo. Devemos nos considerar “mortos de fato para o pecado” e vivos para Deus, mas é “EM CRISTO JESUS”. “Nele” devemos ser “radicados”, e “n’Ele” temos o nosso “fundamento”, sobre o qual devemos ser continuamente edificados, isto é, devemos estar sempre lançando as nossas raízes mais profundamente em Sua morte.

Vamos voltar para João 3.16 e ver como o estar “em Cristo Jesus” começou no estágio inicial da nossa nova vida: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê” tenha vida. Newberry<sup>5</sup> diz que a palavra “nele” no original traz a ideia de movimento, por isso é muito sugestiva, isto é, quando você “crê em” Cristo, você acredita pela cooperação do Espírito Santo. E o Calvário é o lugar onde isso é feito. O Senhor Cristo pregou a Sua própria cruz no princípio do Seu ministério. Ele falou a Nicodemos sobre a necessidade do novo nascimento e da Sua morte vindoura para que os pecadores pudessem ter vida. Ele disse em João 3.14-15: “E do modo por que Moisés levantou a

---

<sup>5</sup> Thomas Newberry (1811 - 1901) é autor da Bíblia Interlinear inglesa, que comparou a Versão Autorizada (cf. nota 9) com o hebraico e o grego coíné dos textos originais.

serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna”. Somos colocados “n’Ele” em Sua morte, e então “n’Ele” em Sua vida, no lado ressurrecional da cruz, “tendo n’Ele a sua raiz”! Por isso, “persevere firmemente em sua fé”, isto é, quando você recebeu a Cristo Jesus, o Senhor, creu n’Ele, agora permaneça n’Ele, esteja radicado n’Ele, tenha o seu fundamento n’Ele, tenha toda a sua vida espiritual edificada n’Ele.

Agora vá a Colossenses 2.9-10. “[...] porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nele, estais aperfeiçoados.” Você diz: “Quero ser cheio da plenitude do Deus!”. Sim, mas você só pode manter, podemos dizer, uma “xícara de chá” cheia! Paulo expressa isso de outra maneira – “nele, estais aperfeiçoados”! Você morreu com Ele, agora, unido a Ele no espírito, habita n’Ele e está em um oceano de vida. “[...] porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade. Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo.” A “carne” não pode ser acolhida “n’Ele”. Deve ser “despojada”. “[...] tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual fostes igualmente ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos” (Cl 2.12). Aqui novamente estão as “partes gêmeas de um fato”.

A obra cortante da cruz ocorre quando permanecemos n'Ele; o corte da “carne”, até mesmo o “despojamento do corpo da carne”, se realiza quando permanecemos n'Ele. É uma “circuncisão” feita sem as mãos humanas, já que é a obra do Espírito Santo quando o crente consente, e confia n'Ele, para executar nele a obra completa da cruz de Cristo. É o Espírito de Deus que nos batiza na morte de Cristo e dá ao crente o poder para despojar-se do “corpo da carne” e executa isso detalhadamente, para que ele possa viver segundo Deus no Espírito.

Agora vamos ver dois ou três versos da obra prática na vida. “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2 Co 5.17). “Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma, mas sim o ser uma nova criatura” (Gl 6.15, ARC) – “em Cristo” nada é feito para depender de qualquer coisa externa. “Em Cristo Jesus” nada tem proveito, nada tem utilidade, nada tem valor, mas sim o ser uma nova criatura. Entrando na esfera de Cristo, deixamos fora a “velha” criação. Permanecendo n'Ele, podemos nos conformar com as exterioridades de coisas religiosas, mas não confiamos nelas, nem damos ênfase excessiva a elas, nem permitimos que elas se tornem causa de divisão entre nós e outros filhos de Deus. Assim você nunca encontrará um filho de Deus com quem não possa entrar em contato espiritual, pois você sempre reconhecerá que vocês têm uma vida no Senhor.

Agora vá a Efésios 2.4-6. “Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos

amou, estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, – pela graça sois salvos, e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus”. Em Cristo está a nossa raiz e o nosso fundamento, do qual nunca devemos nos mover, mas aqui vemos o resultado daquela posição de morte. Unidos a Ele em espírito, estamos assentados com Ele em espírito nos “lugares celestiais”. “Crucificados com Ele”, nós somos chamados para compartilhar da Sua vida, “porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Cl 3.3). O poder da ressurreição é um poder enriquecedor. A união com o Ressurreto pode levantar seu espírito e mantê-lo “longe de tudo” em Cristo, por mais profundamente que ele possa ter sido “dominado” sob a escravidão da carne, ou ter se misturado com a vida natural da alma – estamos “assentados com Ele nos lugares celestiais” pela nossa união com Aquele que em Sua ascensão “assentou-se”. Unidos a Cristo, Ele nos sustenta enquanto permanecemos e descansamos n’Ele.

Agora finalmente quanto ao “lado vivificador da cruz” no serviço. Vamos ao sexto capítulo de Efésios, verso 10. É para aqueles que estão “em Cristo”, como estabelecido nos primeiros capítulos da epístola, que o apóstolo agora torna acessível o serviço e a batalha espiritual. Ele começa essa passagem final, resumindo a vida que vinha descrevendo, com a palavra “Quanto ao mais”. “Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder.” O Senhor Cristo, Paulo disse no capítulo um, está acima dos principados e potestades. Ele não está abaixo deles, e

o crente também está assentado com Ele “acima”. Agora, que ele seja fortalecido no Senhor, seja confiante, tenha certeza, saiba com certeza a posição de vitória e seja forte no poder conquistador da Sua força.

Além disso, nesse lugar de vitória assegurada, “ revesti-vos de toda a armadura de Deus ” ( verso 11 ). Você conhece a sua posição, agora esteja firme ali e coloque a armadura de Deus “ para poder ficar firme ”. Mas você foi “ assentado ” há pouco tempo! Sim, você não pode “ lutar ” com inimigos externos se tiver um conflito interno! Você deve estar “ assentando ” interiormente! Se você perder a sua paz interior, está à mercê do diabo. Para a batalha vitoriosa o crente deve ter a calma interior de Deus e estar fortalecido, firmado, arraigado n’Ele. Agora “ revista-se da armadura ” para que você possa ser capaz de suportar.

E por que precisamos estar “ firmes ”? Por causa das “ astutas ciladas do diabo ”. Essa é toda a sua estratégia, ciladas, métodos, planejados para tirar você da posição vitoriosa. As ciladas que você não vê são as mais perigosas. Elas são planejadas contra você da manhã até a noite. Você diz que não quer pensar em “ espíritos malignos ” todo o tempo? Mas eles pensarão em você. Você somente é chamado para pensar neles com a finalidade de estar de prontidão em incessante oração. O conhecimento de que eles estão continuamente planejando apanhar você numa armadilha leva-o para mais perto de Deus em oração para que as suas ciladas não tenham sucesso. Ao fazer isso, seus olhos serão abertos para ver as suas ciladas, e você se manterá firme e calmo quando os discernir em

ação, pondo coisas em desordem em seu lar, para tirar você do seu lugar em Deus.

“[...] para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne [...]” É estranho, à vista disso, como o povo de Deus permanentemente vê apenas a “carne e o sangue” como a causa do conflito e dos problemas em sua vida. Ele não reconhece que há inimigos espirituais. Ou se vê alguma outra causa além da carne e do sangue por trás dos problemas circunstanciais, relaciona tudo com a “vontade de Deus”. De uma forma ou de outra, ignorará os poderes sobrenaturais do maligno. No primeiro caso, entra em atrito com aqueles que o ferem, e no segundo, submete-se, conforme pensa, à “vontade de Deus” e se torna vítima real das forças de Satanás atacando e buscando ferir cada filho de Deus. Ele não sabe como discernir entre o que é realmente de Deus e o que é de Satanás. O apóstolo diz: “Os nossos verdadeiros adversários não são a carne e o sangue”. Esses inimigos espirituais estão nas regiões celestes. Eles vagam no ar em volta do nosso planeta, procurando fazer toda maldade que puderem. Isso é muito evidente agora mesmo na Grã-Bretanha – para não falar de outros países. Esses poderes estão operando sobre o povo de uma forma intensificada e incitando neles o Adão caído. A onda de espiritismo tem muito a ver com isso. Não é possível ter milhares de pessoas se comunicando com demônios, sob o engano de falarem com os seus parentes mortos, sem que esses demônios influenciem a atmosfera de todo o país.

Nossos adversários não são a carne e o sangue, mas são príncipes – “os principados, as potestades, os dominadores deste mundo tenebroso”. Temos três linhas hierárquicas de poderes governamentais de Satanás descritas aqui. Os “príncipes” estabelecidos sobre os “principados”, as “potestades” daqueles que são capazes de usar os recursos do ar e os “dominadores” – os reis ou governadores “deste mundo tenebroso”. Em seguida, por último e mais baixo posto, estão as multidões das “forças espirituais do mal nas regiões celestes”, que executam os comandos de Satanás, o chefe deles, e dos outros “governantes” das suas várias esferas.

Em Daniel 10, o véu é erguido e somos informados sobre um “príncipe da Pérsia” e de um “príncipe da Grécia” (Dn 10.13, 20) resistindo aos mensageiros celestiais enviados a Daniel. Não existe um “príncipe da Inglaterra” e um “príncipe da França”? Em cada país o povo de Deus não luta contra os “príncipes das forças satânicas”?

Então que tal as “potestades” exercendo domínio sobre as forças do ar para Satanás? Que recursos eles têm para executar seus planos! O satânico “príncipe deste mundo” conhece “poderes” ainda desconhecidos de nós há séculos. É por isso que a “mentira” se espalha como gás envenenado e a “verdade” tem de abrir caminho com esforço. Há “ondas” de ilusões satânicas emitidas pelas “potestades” no reino invisível, como uma onda de correntes elétricas invisivelmente se espalhando e atraindo pessoas para estarem sob o seu poder. Então há “dominadores” das “trevas”. Os príncipes lideram a luta como generais (Dn

10.13), as “potestades” exercem domínio sobre as forças do ar, mas os “reis” ou os soberanos governam as trevas. O trabalho deles é planejar como manter as pessoas na escuridão; para evitar que a verdade e a luz cheguem a elas – em poucas palavras, não apenas para se opor ao Evangelho, mas para impedir a verdade e toda a luz que vem da verdade, de todas as formas que podem. Os “espíritos da maldade” são as numerosas hostes de demônios que se deslocam em grande número e executam os ataques pessoais sobre os indivíduos, para o cumprimento dos planos mundiais do seu príncipe.

Estar firme contra as suas ciladas, como descrito em Efésios 6.11, é o prelúdio da batalha ofensiva contra eles. O crente “forte no Senhor”, na defensiva contra as ciladas, é chamado para a ofensiva, e pelo uso da arma da vitória de Cristo sobre eles no Calvário esses inimigos podem ser todos desalojados e expulsos dos seus lugares seguros, e os planos dos seus chefes serem frustrados e desfeitos. O apóstolo diz isso claramente e nos diz como. “Portanto”, ele escreve, “tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, **DEPOIS DE TERDES VENCIDO TUDO, PERMANECER INABALÁVEIS**”. Isso claramente representa um avanço ofensivo, com a segurança e certeza do fato de que eles podem ser “derrotados” pelos filhos do Senhor em união com Ele.

Há “dias maus”, quando os “principados”, “potestades” e os “príncipes das trevas” vêm e sitiam, por exemplo, a sua igreja. Não fique apenas na defensiva e se proteja, mas, sem olhar para “carne e sangue”, vá à batalha

com as hostes das trevas, fortalecido no Senhor e ancorado n'Ele, com a eterna calma de Deus centrada em seu ser, e “derrote” as hostes invisíveis pela arma da fé e oração. Lembre-se de que Deus está no trono, e quando você está centrado ali n'Ele, você participa da Sua força, “arraigado e fixado em Deus”. Forte “no Senhor”, você pode seguramente tomar a ofensiva contra os principados e potestades e se aproximar da batalha com confiança, porque a sua “defensiva” está segura.

“Depois de terdes vencido tudo”, escreve o apóstolo, você pode então “permanecer inabalável”. Portanto, há uma “batalha” – um ataque violento específico sobre você, ou sobre a igreja, descrito como “o dia mau” – e há uma “derrota” desse ataque específico do inimigo, e então um recuo em Deus na abençoada vitória. Tudo isso é a parte da experiência do crente no “lado vivificador da cruz”. Ele não apenas está “unido ao Senhor no Espírito” para compartilhar da Sua vida de ressurreição, e para a vitória sobre o pecado e a “carne”, mas está unido a Ele para ser enviado adiante por Ele para “derrotar” as forças das trevas que procuram “derrotar” a Igreja de Deus e frustrar ou atrasar a aparição do Senhor.

A grande necessidade hoje consiste em que os filhos do Senhor deveriam compreender o chamamento para batalhar e se levantar em Sua força para enfrentar o inimigo. Não é suficiente simplesmente “resistir” – clamando “Oh Senhor, por quanto tempo?”. O Senhor precisa ter aqueles que trabalham com Ele para “derrotar” em gloriosa vitória todas as hostes de Satanás, impedindo seus

planos, até que, como vencedores, sejam arrebatados para encontrar o Senhor. Dois ou três reunidos em oração podem se tornar centros estratégicos da derrota dos ataques violentos de Satanás às pessoas e à obra de Deus. Se eles apenas souberem como “orar” contra o inimigo! Se eles apenas souberem como tomar a sua posição em Deus e manejar a arma da vitória do Calvário!

## CAPÍTULO 6

# *A Cruz e a Vida no Espírito*

“[...] estamos mortos [...] servimos em novidade de espírito [...]” – Romanos 7.6

Tratando sobre o lado vivificador da cruz, estivemos mais ocupados com a palavra “vida” do que com a palavra “Espírito”. Na vida, ou no lado ressurrecional da cruz, vimos que há a junção do espírito com o Espírito de Cristo, pois “o que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito”. Nos primeiros dias da minha vida cristã, pensei que tudo o que aconteceu em meu espírito foi a ação do Espírito Santo, não entendendo claramente tudo o que a Bíblia diz sobre o espírito humano. Vamos investigar isso.

1. Há um espírito humano. 1 Coríntios 2.11 demonstra isso claramente. “Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está?”, isto é, quem pode saber o que está acontecendo dentro de nós, senão o espírito que está dentro de nós? “Assim”, diz o apóstolo, “também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus”. Assim como outros só podem saber os nossos pensamentos íntimos quando decidimos revelá-los, só podemos conhecer Deus quando o

Seu Espírito O revela. “Ora nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente”. Vemos por essa passagem que há um “espírito do homem”, que conhece o homem, assim como o “Espírito de Deus”, que conhece as “profundezas de Deus”. Também que Deus dá aos homens que O receberão o Seu Espírito, para que pelo Seu Espírito possam ser capacitados a entender as coisas de Deus – coisas que não podem conhecer à parte do ensinamento do Seu Espírito.

2. O espírito do homem é uma entidade distinta ou um organismo. “[...] reunidos vós e o meu espírito [...]” (1 Co 5.4). Aqui Paulo está falando sobre o seu próprio espírito, que está presente com os crentes reunidos em Corinto. Aqui temos o fato de que há um espírito do homem como uma entidade distinta ou um organismo. Novamente em 1 Coríntios 14.14, Paulo diz: “Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera”. Portanto, o “espírito” e a mente, ou entendimento, não são a mesma coisa! “O meu espírito ora”, diz o apóstolo, inteiramente à parte da “alma” – ou entendimento. Isso mostra que há oração que se realiza só no espírito, sem o “entendimento” sobre o que é a oração (veja Romanos 8.26) e sem a expressão vocal, ou as “sensações” do corpo. Assim, o apóstolo diz: “Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente”. Essa oração no espírito não tem valor para os demais presentes em uma reunião, pois “se tu bendisseres apenas em espírito”,

“como dirão o amém” os outros que estão presentes? A oração com “entendimento” é necessária na reunião.

3. As diversas características do espírito. Agora olhe para as diversas expressões que são usadas em relação ao espírito. Essas características podem pertencer ao espírito do próprio homem ou serem ocasionadas nele pela ação do Espírito Santo. Romanos 12.11 fala de um espírito “fervoroso”. Algo bastante diferente do “entusiasmo” ou fervor na alma. O espírito “fervoroso” é o mesmo em uma reunião de reavivamento e na vida fria e maçante do dia a dia. É esse fervor que o mundo não nota nos filhos de Deus. As pessoas têm a falsificação disso nas coisas do mundo, movidas pela vida natural; certamente os filhos de Deus devem obtê-lo da fonte do Espírito de Deus incendiando seus espíritos. Então isso apareceria em cada detalhe da vida – em ação e serviço, até em um aperto de mão –, que pode ser o calor, estímulo e expressão de um espírito fervoroso. Estamos precisando muito, em um mundo egoísta, de uma intensidade que vem de um verdadeiro espírito fervoroso.

Em 2 Coríntios 7.13, Paulo diz que o “espírito” de Tito tinha sido “recreado” vendo o cuidado (fervor) dos crentes coríntios nas coisas de Deus. Mais uma vez em Atos 18.5, lemos que Paulo foi “impulsionado no espírito”<sup>6</sup> para “testificar aos judeus que Jesus era o Cristo”. Isso mostra a ação do Espírito Santo no espírito do homem

---

<sup>6</sup> Essa tradução só é encontrada na versão ACF (Almeida Corrigida, Fiel).

incitando-o para certo curso da ação. É quando o testemunho, ou pregação, tem a sua fonte nessa pressão do espírito – não simplesmente no impulso ou na emoção da alma – que há resultados eternos em bênção para aqueles que estão preparados pelo Espírito Santo para responder a isso. Às vezes, a pressão no espírito é tão forte que o homem mal consegue respirar até que o “testemunho” seja dado. Aqueles que conhecem o trabalho ativo do Espírito Santo aprendem a reconhecer a Sua obra neles dessa forma e como discernir tudo o que é falso ou provém da falsificação produzida por Satanás como um “anjo da luz”.

Em relação a isso, temos em Atos 20.22-23 uma passagem notável, mostrando a forma como Paulo foi capaz de ler a mente do Espírito Santo, como se tornou conhecido em seu próprio espírito. Ele disse aos anciãos em Mileto: “E, agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém [...] o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que me esperam cadeias e tribulações”. Em seu próprio espírito Paulo sabia que ele avançava em “cadeias” e sabia que esse era o testemunho do Espírito Santo em seu espírito. Aqui é vista claramente a cooperação do Espírito Santo com o espírito humano – o espírito do homem como o instrumento, e o Espírito de Deus operando nele e por meio dele. Esse espírito puro operando é distinto da alma (natural), ou da vida de acordo com a carne, isto é, o emocional da alma, ou as “sensações” do corpo.

Em Romanos 1.9, novamente lemos: “A quem sirvo em meu espírito”. O apóstolo conhecia a vida do espírito, não apenas como o instrumento pelo qual o Espírito

Santo o movia na oração, no fervor, no testemunho, mas também no serviço ao seu Senhor. Isso não significa que o espírito não esteja sob o controle do homem. Que isso é sempre assim é visto em 1 Coríntios 14.32, onde Paulo diz que o dom de profecia não tira dos profetas o controle do seu próprio espírito. Eles não têm controle sobre o Espírito Santo certamente, mas o homem tem controle sobre o seu próprio espírito em sua ação colaborativa com o Espírito de Deus, pois o Espírito Santo não priva a alma remida da sua liberdade de ação e decisão da vontade para trabalhar voluntariamente com Deus.

4. A obra a ser feita no espírito do homem. Em Romanos 7.6, o apóstolo fala da “novidade de espírito”. “Porei em vós um novo espírito” foi a promessa de Deus a Israel, feita por Ezequiel, muito antes do tempo de Paulo. O novo nascimento, portanto, ou a regeneração, tem lugar no espírito. O espírito do homem, por natureza, é um espírito caído. Ele é “espírito”, mas está separado de Deus – em trevas e vazio. Está conseqüentemente aberto aos espíritos de Satanás e capaz de dar lugar a maus espíritos e se tornar o seu meio de comunicação com outros. Mas no novo nascimento o espírito é devolvido a Deus pela regeneração, e é dado ao homem novamente o poder para conhecer a Deus.

Em 2 Coríntios 7.1, lemos: “Tendo, pois, ó amados, tais promessas (isto é, a habitação interior de Deus, capítulo 6.16-18), purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito [...]”. Aqui vemos que o “espírito” pode ser imundo. Há pecados do espírito. Para a habitação

interior de Deus é necessário ter um espírito sem culpa. “Bem-aventurado o homem [...] em cujo espírito não há dolo” (Sl 32.2), nenhuma duplicidade, nenhuma mistura. Isso é o suficiente para mostrar que o espírito precisa de limpeza. E o crente deve fazer isso reconhecendo esses pecados, aplicando-se a Deus para tê-los tratados pela cruz e por abandoná-los.

Devemos nos “limpar” não apenas da imundícia da carne, mas do espírito. O que podemos descrever como os pecados do espírito? Tome, por exemplo, um espírito de ciúme, um espírito insensível, um espírito desonesto. Você pode rastrear todos eles na Bíblia. Nos salmos e provérbios você encontrará todos os tipos de coisas ditas sobre o espírito. E quando há pecados do espírito, eles convidam os maus espíritos a se apegarem ao espírito do homem. Por exemplo: quando um homem tem um espírito de ciúme, um mau espírito de ciúme o pega e o domina, para que ele perca todo o controle de si mesmo.

As coisas mais danosas da vida são aquelas que vêm do espírito. Comprovamos isso continuamente na vida cotidiana. Você diz: “Se o espírito do homem está bem, podemos nos entender!”. E é assim. Os erros e tolices de julgamento e ação podem ser todos colocados em ordem, mas quando o espírito está errado, tudo está errado. “Senhor, purifica o meu coração”, você diz. Mas nós somos compostos de mais do que “coração”. O coração é a sede das afeições. É verdade que fora do coração estão as questões da vida, e o coração é descrito como as “rédeas” do homem, pois ele é governado pelas suas afeições. Mas o coração

pode estar certo, e o “espírito” ainda precisar ser limpo, por exemplo, do “engano”! Quão poucos são “sem engano”, isto é, sem mistura – sem “desconfiança” dos outros –, sem fingimento, dizendo algo que não pretendem, simulando algo que não sentem.

Há pessoas com um espírito de suspeição, sempre espreitando e esperando algo errado. Elas não podem crer em nada bom. Elas não têm um espírito “sem engano”! Quão belo é não estar procurando o mal e tomar o que os outros dizem com pureza de espírito! Nem ficar sempre pensando que os outros têm segundas intenções. Quão rapidamente um espírito sensível se torna consciente desse espírito no meio do povo de Deus. Que possamos observar essa questão e ter um espírito “sem engano”.

À luz disso, você verá agora por que o “espírito” tem de ser dividido da alma. Isso deve ser enfatizado novamente aqui. “A Palavra de Deus é viva e eficaz [...] e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito [...]” (Hb 4.12). Este é o trabalho mais profundo a ser feito pela Palavra de Deus para a renovação do crente por meio da redenção que está em Cristo Jesus. Já vimos que antes da Queda, quando Deus criou o homem, o espírito era o poder dominante, governando a alma – a personalidade do homem – para a expressão da vida de Deus, com o corpo como escravo. Então vimos que, como o homem caiu, a carne governou em vez do espírito (Gn 6.3, 6). Então, quando o Filho de Deus veio, e como o Homem Representativo, levou o Adão caído à cruz, onde em seu lugar Ele sofreu a penalidade da morte pelo pecado, e n’Ele o Adão caído morreu.

“[...] um morreu por todos; logo, todos morreram” (2 Co 5.14). Agora a obra do Espírito pela Palavra de Deus é a de aplicar a obra consumada do Senhor Jesus Cristo na cruz por todo homem e reverter os resultados da Queda. O espírito do homem, unido ao Senhor Ascendido, deve ser novamente o poder dirigente, governando a “alma”, controlando a mente, as emoções e disposições e o corpo, o veículo obediente (Rm 6.13) ao mandamento de Deus pela “nova criação”. Este é o significado da cruz. O sangue precioso limpa o coração, as afeições, mas a cruz trata com a velha criação.

Alguém pode perguntar: “Não há uma diferença entre a ‘carne’ e o ‘velho homem?’”. A Palavra de Deus esclarece isso. Em algumas passagens encontramos Paulo falando da “carne” como puramente “carne e sangue”. “Porque, embora andando na *carne*, não militamos segundo a *carne*” (2 Co 10.3), ele escreve. Assim, nesse sentido estamos na “carne”, mesmo quando o “velho homem” é crucificado. Mas o apóstolo acrescenta que, embora estejamos “andando na carne”, não devemos atuar “segundo a carne”, mas “segundo Deus no espírito”. “Andando na carne”, em um senso comum, não deve ser uma desculpa para ceder a ela nem ser governado por ela em qualquer grau.

Agora vamos ver 1 Tessalonicenses 5.23, que dá um resumo da obra a ser feita no crente, como resultado da obra consumada de Cristo na cruz. “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de

nosso Senhor Jesus Cristo.” Observe a ordem: primeiro o espírito, então a alma e depois o corpo. Observe que a palavra “santifique” o coloca completamente à parte para Deus e o guarda sem culpa.

5. A obra do Espírito Santo no espírito do homem. Romanos 8.16 muito claramente mostra esse aspecto da vida espiritual: “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”. Isto é, não com o nosso “entendimento” ou a mente. O Espírito Santo dá o Seu testemunho em nosso espírito. Veja Efésios 3.16: “[...] para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior [...]”. Isso é, diz Moule<sup>7</sup>, “profundamente nele, penetrando fundo nele, o espírito humano regenerado [...]”. Aqui está a verdade tornada clara. O Espírito Santo habita e opera no espírito humano. Ele é o Seu santuário e o Seu lugar de habitação. Ele deseja penetrar fundo nele para produzir, posso dizer, a fusão do espírito humano regenerado com o Espírito de Cristo, pois o único objetivo da operação do Espírito de Deus em nós é de nos unir a Cristo e causar em nós a conformidade à Sua semelhança.

6. Uma figura bíblica de um homem “espiritual”. Para isso voltemos novamente a 1 Coríntios 2.11. O homem “espiritual” tem um senso agudo do espírito. Ele

---

<sup>7</sup> Handley Carr Glyn Moule (1841 - 1920), mais conhecido como Bispo Moule, foi bispo anglicano da diocese de Durham, na província de Iorque, Inglaterra, e um estudioso do Novo Testamento.

conhece a ação do seu espírito, e pelo seu espírito sabe tudo sobre si mesmo. É somente quando um homem se torna realmente “espiritual”, com a “alma” separada do seu espírito (isto é, a mistura de mental e espiritual rompida), que isso é realizado. A maioria das pessoas está em uma “fantasia”, como um antigo escritor diz, sobre si mesmas. A percepção mental é incapaz de penetrar nas profundezas de “você mesmo” e fazê-lo conhecer a si mesmo como você realmente é. O próprio espírito do homem, não misturado com o intelecto, “conhece” a si mesmo e recebe o Espírito Santo em seu espírito para que possa conhecer a Deus (verso 12).

Então o homem espiritual, com o Espírito Santo habitando em seu espírito, recebe uma faculdade espiritual que lhe permite entender as coisas de Deus e explicá-las a outros. “Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais.” A versão Reina Valera diz: “acomodando o espiritual ao espiritual”, e no rodapé diz: “combinando” e “interpretando”. Conybeare diz: “explicando”, e no rodapé da versão Reina Valera, no verso 15, temos a palavra “examinando” – o significado em grego é “investigar e decidir”.

Se juntarmos todas essas versões, temos uma descrição notável do homem espiritual em seu procedimento com as “coisas de Deus”, mostrando também que Deus não deseja apenas que nós confiemos n’Ele, mas que O entendamos, e que o Espírito Santo nos é dado com esse objetivo. Isso praticamente significa que quando o espírito do

homem está de fato “unido” ao Senhor Ascendido, o Espírito Santo dá a ele um senso espiritual, ou faculdade, pelo qual é capaz de comparar, ou “examinar”, as coisas espirituais e “combinar” fatos espirituais com espirituais.

Como o químico em seu laboratório compara, combina, examina, procura, assim o homem espiritual se ocupa com coisas espirituais, combinando, comparando, explicando, interpretando, examinando; por exemplo, ele “investiga” as causas espirituais de fenômenos espirituais até que seja capaz de “decidir” a sua fonte! Mas onde estão as pessoas espirituais capacitadas a fazer isso neste tempo perigoso? Capacidade para tratar com a “letra” das Escrituras pode haver, mas quão poucos podem manejar as coisas do “espírito” para serem capazes de interpretar essas “coisas” aos outros.

Estive sentindo ultimamente a responsabilidade daqueles que conhecem as Escrituras no original grego. A maior parte dos erros entre os filhos de Deus vem de um mal uso de traduções defeituosas do original. E com todas as ajudas que os leitores que não conhecem o grego dispõem hoje, não têm a preocupação de procurar, examinar e investigar o que a Palavra inspirada de Deus diz na linguagem usada pelo Espírito Santo. As pessoas que conhecem as Escrituras originais tiveram a preocupação de explicar as coisas de Deus àqueles que não conhecem a língua grega. Há poços profundos da vida de Deus, e profundezas insondáveis das coisas profundas de Deus, escondidos em “raízes” das Escrituras originais gregas. Indubitavelmente, Deus escolheu essa língua como aquela na qual

Ele poderia tornar mais bem conhecidas as coisas espirituais aos Seus remidos. Mas sejamos intrépidos. O Espírito Santo pode nos ensinar.

Certa vez, estive em uma convenção de pregadores, onde me perguntaram sobre umas poucas passagens da Palavra, e eu disse: “Não conheço o grego, mas o Espírito Santo conhece!”. Fiquei assustada ao descobrir que quando as coisas espirituais me foram esclarecidas realmente por Ele, elas sempre provaram estar em harmonia com o original grego. Isso me deu confiança e maior dependência do Espírito Santo para me esclarecer o significado verdadeiro da Palavra. Isso também me fez ser cuidadosa para não dizer que certo verso significava isso ou aquilo, até que me fosse dada a Sua luz sobre ele. Então, quando Ele realmente dava a luz, constatei que aqueles que conheciam o grego nunca poderiam contradizer o que o Espírito Santo tinha esclarecido. Isso me fez ser cuidadosa também ao examinar a Palavra de Deus e usar toda a ajuda possível para compreender o original. Há muitos tipos de “ajuda” hoje. Se honestamente quisermos saber o que Deus diz, e estivermos dispostos a ser libertos dos “pontos de vista” humanos da Palavra, Ele nos ensinará.

A condição primária da nossa parte é ter a obra da cruz realizada em nós, até mesmo para a “divisão da alma e do espírito”, para que possamos ter um senso espiritual agudo, pois você pode “sentir” o significado de algo profundo de Deus que não pode captar com o seu intelecto. Alguns chamam isso de “intuição”, mas é mais do que isso, pois a intuição dos não regenerados não abre a eles as

coisas de Deus. A “intuição” do homem espiritual vem do espírito humano habitado pelo Espírito Santo. Parece então que a “mente” e o espírito se tornam um, ou ainda que o Espírito Santo é que penetra na mente, tornando-a clara e iluminando-a, para que ela perca seu caráter terreno.

Possivelmente, isso é o que o apóstolo quis dizer quando afirmou: “E vos renoveis no espírito do vosso entendimento”. O intelecto então se torna espiritual. Pois é com a mente que percebemos, e com o “espírito” “conhecemos”, ou “percebemos”, ou sentimos as coisas de Deus. Paulo é um exemplo disso. Ele tinha um dos intelectos mais brilhantes da sua época, e de todas as posteriores. Mas nas coisas de Deus seu intelecto tinha sido renovado e penetrado interiormente pelo Espírito Santo até que “combinasse”, “comparasse” e “interpretasse” as coisas de Deus desconhecidas e insondáveis pelo homem não regenerado.

Quando a verdade vem desse modo ao professor, que é ensinado por Deus, isso é testemunhado pela consciência daqueles com quem ele fala. Não é necessário o orador forçá-lo sobre qualquer pessoa, pois o Espírito Santo faz a Sua própria obra e dá testemunho da Sua própria Palavra.

7. As leis do espírito, e como andar segundo o espírito. (a) Em primeiro lugar, há a oposição às coisas do Espírito. Veja Romanos 8.5-6: “Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito” – o artigo não consta do original

–, “das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz”. O segredo de andar segundo o espírito é, resumidamente, “ocupar-se” do espírito e colocar as coisas espirituais em primeiro lugar. Quando você faz isso, significa que nunca perde a consciência do que está acontecendo em seu espírito. Madame Guyon tem uma ilustração útil do que significa permanecer em Cristo. Ela afirma que quando você entra em um quarto, diz quão agradável e quente ele é, mas por permanecer nele só tem “consciência” do conforto. Mas vá para o exterior frio e você logo saberá que não está “permanecendo” no quarto. Andar no espírito, e ocupar-se do espírito, portanto, nem sempre significa alguma consciência nos sentidos, mas um conhecimento intuitivo agudo de Deus e de Sua vontade. Não é uma vida de grandes fenômenos do espírito, mas de descanso tranquilo em Deus nas coisas comuns da vida diária. O crente, portanto, “ocupando-se do espírito” deixa de ser governado pelas “circunstâncias” e de medir os atos exteriores pelos seus valores externos. Seu grande e abençoado descanso repousa simples e calmamente em fazer a vontade de Deus, pois na vida de união com Deus a alma, agradável e alegremente, faz as coisas diárias comuns com o mesmo fervor do espírito que faria aquela que é chamada de “a obra do Senhor”.

(b) Em segundo lugar, há a obediência à admoestação do Espírito. “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8.14). O Espírito de Deus conduz aqueles que são realmente filhos de Deus – nascidos na natureza divina – pelas várias obras no

espírito humano, como as impressões, retrações, restrições, segurança na oração e testemunho interior de que uma ação está dentro da vontade de Deus. Todas essas admoestações do Espírito Santo no espírito do crente são muito delicadas e sutis, mas podem ser conhecidas e lidas quando a vida no espírito fica mais forte e menos misturada com as emoções e os impulsos da alma ou as atividades da mente.

Esse assunto, em todas as suas ramificações, tomaria demasiado tempo para ser tratado agora, mas, como um exemplo, suponha que pedem a você para fazer certa coisa, mas você descobre que em seu espírito há um sentimento de indiferença em relação a esse procedimento. Então é sempre seguro esperar e orar por mais luz. A “restrição” interior geralmente significa o “não” de Deus. Você vai a uma reunião em que acontecem manifestações estranhas e anormais. Em seu espírito há uma retração e uma repugnância. Nunca é seguro ir contra isso, e é sempre seguro não forçar a si mesmo aceitar coisas sobrenaturais. “Pois todos os que são guiados”, escreve o apóstolo. O Espírito de Deus não força, mas conduz o filho à obediência a Deus, tão suavemente, que apenas quando está tranquilo e calmo é que está consciente dela.

Outro ponto muito importante na obediência às admoestações do Espírito Santo é não atuar em nada sem deliberada vontade. Se houver em seu espírito alguma “impressão” ou “retração” a isso ou aquilo, nunca dê continuidade sem que o tenha examinado à luz da Palavra de

Deus e venha deliberar a decisão inteligente de que é de Deus.

(c) Há também uma necessidade de conhecimento de Deus e de Suas formas de operar. Em Filipenses 1.9, lemos: “E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento [...]”. O Espírito Santo pode nos dar esse “conhecimento” para que possamos ser capazes de distinguir o bem do mal em nosso caminho. Colossenses 1.9-11 novamente fala disso como uma necessidade para andar de modo digno de Deus.

(d) Uma lei muito importante da vida espiritual é a da “expressão”. Isso é encontrado em João 7.38-39: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva. Isto ele disse com respeito ao Espírito [...]”. Resumidamente, se houver um influxo, deve haver um “fluxo”. Muitos dos filhos do Senhor estão sofrendo de “espírito suprimido”. Assim como você sofreria se não fizesse nenhum exercício físico, o espírito sofre se não tiver nenhum “fluxo” ou “exercício”. A vida do espírito em nós deve ter expressão ou se tornará passiva e fraca. Quando ela está em atividade normal, a vida nela “transborda” facilmente – algo bastante diferente da loquacidade da vida natural. Temos um vislumbre disso no que é dito de Pedro em Atos 4.8: “Então, Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse [...]”. Houve um influxo vigoroso do Espírito de Deus em seu espírito, que resultou em testemunho corajoso. “De” você “fluirão rios de água viva”. Nunca teremos uma vida espiritual mais cheia do que a extensão em que derramamos essa vida a outros. Esse

“retraimento” impeditivo que está bloqueando o espírito em muitos precisa ser derrubado. Ele produz um conflito no serviço para Deus que você não precisa ter. Peça, portanto, pela plenitude do Espírito em seu espírito e então dê, e será dado novamente a você.

(e) Por fim, há o uso do espírito no conflito espiritual. Já tratamos disso como parte da vida no lado ressurrecional da cruz. O Espírito Santo nos ensinará o uso verdadeiro do espírito no conflito, pois somente Ele pode nos mostrar como distinguir as coisas que se diferem no reino espiritual. Direi apenas que somente o uso do espírito torna o crente muito tranquilo no conflito. A vitória muitas vezes é ganha por uma palavra tranquila e simples. É o Espírito Santo que torna o espírito forte para se posicionar contra os poderes oponentes.

## CAPÍTULO 7

### *A Cruz e o Poder para a Obra*

Existem tantas linhas de ensino sobre a provisão de poder para o serviço que muitos filhos do Senhor ficam perplexos e, em alguns casos, impedidos de receber aquilo de que precisam para equipá-los para o testemunho efetivo de Cristo. O problema está no fato de que nisso, como em muitos outros aspectos da verdade, não é dado o lugar correto à cruz como o ponto central do qual o Espírito Santo opera.

A consequência é que a verdade sobre o assunto é dada de maneira unilateral, geralmente colorida pela experiência do professor. A graça e a paciência de Deus, contudo, são percebidas no modo como Ele dá testemunho de tudo o que é “verdade”, em algum grau, mesmo quando é dado sem a devida consideração a outros aspectos dela.

Vamos tomar a Palavra, e com a cruz como o “ponto fixo” do qual estamos procurando examinar todo tema, para ver que luz podemos obter sobre o assunto.

Antes de tudo, deixe-me dizer definitivamente que há uma “provisão de poder” para o serviço que todo crente deve conhecer para a eficácia na vida e serviço. Se rememorarmos a história daqueles que foram muito usados por Deus – Moody, Finney e outros – descobriremos

que houve um momento em suas vidas em que Deus tratou com eles e deu-lhes uma provisão de poder.

Então vamos olhar amplamente para o fato do “Pentecostes” do ponto de vista histórico. Historicamente, há só um “Calvário”, um “Dia da Ressurreição”, um “Pentecostes”, isto é, o Calvário, onde Cristo morreu na cruz, a ressurreição, quando Ele ressurgiu dos mortos, o Pentecostes, quando o Espírito Santo veio para a Igreja.

O Calvário não deve ser repetido, nem a ressurreição, nem o Pentecostes em seu significado histórico. A obra consumada de Cristo na cruz e a Sua ressurreição gloriosa como o testemunho do Pai para a perfeição da Sua obra consumada resultaram no derramamento do Espírito no Pentecostes. Foi tudo final e central em perfeição quando executado pelo Filho de Deus, por meio do Espírito Eterno.

Mas agora, na experiência da Igreja, cada pessoa que se torna membro dessa Igreja (isto é, do organismo místico do Corpo de Cristo) coloca em sua reivindicação tudo o que (1) o Calvário significa para ela, (2) tudo o que a ressurreição significa para ela e, logicamente, (3) tudo o que o Pentecostes significa para ela.

Agora leve a analogia mais além: ao nos apropriarmos de tudo o que o “Calvário” significa, não esperamos que os fatos históricos externos sejam repetidos em nós. Colocamos em nossa reivindicação tudo o que ele significa para termos os nossos pecados tomados por Cristo e sermos crucificados com Ele, mas não esperamos uma “cruz”

externa com todos os eventos trágicos do Gólgota que a acompanham. Nem esperamos uma “ressurreição” corpórea visível exatamente como o Senhor que sai da sepultura, embora tenhamos uma ressurreição do corpo mais tarde. Por que então esperar que todas as exterioridades históricas do Pentecostes se realizem em nós? A presente dispensação do Espírito não é espiritual, durante a qual Deus está chamando um povo para o Seu Nome e edificando um templo espiritual tão distante em melhoria do Templo visível quanto o sol está da lua?

Qual, então, é o significado espiritual e interior do Calvário, da ressurreição e do Pentecostes, como devem ser conhecidos pela Igreja de Deus? Se as “exterioridades” desses eventos maravilhosos não são realizadas em nós, onde aprenderemos a sua aplicação interior para nós?

Em primeiro lugar, conforme explicado pelo próprio Senhor antes da Sua morte, e em segundo lugar, conforme explicado pelo próprio Senhor depois da Sua morte, quando, como o Vencedor Ressuscitado e Ascendido, escolheu um instrumento na Terra por meio do qual Ele poderia revelar o significado espiritual dos fatos históricos da Sua morte, ressurreição e ascensão. É nas epístolas de Paulo que alcançamos o significado interior de tudo isso. Pois o Senhor glorificado escolheu o apóstolo Paulo para ser o revelador à Igreja, como Moisés foi o revelador de Deus para Israel. Ele foi escolhido para dar ao mundo a explicação de Cristo para o Calvário, a explicação de Cristo para a ressurreição e a explicação de Cristo para o Pentecostes, como o prenunciou de forma embrionária antes que

morresse. Por isso, tudo o que o Calvário é para nós, tudo o que a ressurreição significa para nós e tudo o que o Pentecostes significa para nós devem ser aprendidos nas epístolas de Paulo, e não tanto nos registros históricos de Atos dos Apóstolos.

Deixe-me acentuar aqui a importância de nos lembrarmos, quando lemos as epístolas de Paulo, de que todos os seus ensinamentos foram dados diretamente pelo Cristo Ascendido. Diga a você mesmo quando as ler: essa não é a ideia de Paulo sobre o Calvário e o sangue, mas é Cristo glorificado no céu explicando a Sua própria cruz, explicando a Sua própria ressurreição, e o que isso significou para a Igreja, e explicando também a vinda do Espírito Santo e a Sua obra no crente e na Igreja.

Por isso, devemos ir às epístolas para aprender o verdadeiro significado interior da provisão de poder, e quando assim o fizermos nos lembrarmos de manter sempre juntos o triplo grupo da (1) cruz, da (2) ressurreição e do (3) Pentecostes, para obter o pleno poder de cada um deles. Vamos também nos lembrar de que a sequência do tratamento de Deus conosco está nessa ordem. Vamos orar para que a obra mais profunda da cruz seja aplicada a nós, o mais pleno poder da ressurreição e a mais poderosa provisão do Espírito Santo para o serviço que é possível para nós conhecer.

É porque os crentes buscam sua parte no “Pentecostes” sem a profunda obra básica da cruz e da ressurreição, realizada neles primeiro, que o diabo, como um anjo

de luz, predominou sobre os crentes com as suas falsificações. Se a cruz tivesse sido pregada e conhecida em todos os seus aspectos, o diabo não teria sido capaz de enganar, como está fazendo, tantos filhos de Deus. Mas a maioria dos cristãos considera a cruz apenas como um lugar para o perdão dos pecados, onde se tornam justos para Deus. Então clamam por uma provisão do “Pentecostes” sem primeiro pedirem por uma obra profunda do Espírito na velha existência de Adão, cravada na cruz e tornada inoperante. Essa é a única posição básica segura para pedir uma provisão de poder. Em vista dos perigos espirituais de hoje pela eclosão do espiritismo, poderia significar o desastre de muitos se nos fosse dada uma profusão do Espírito Santo em poder vivificador, quando o significado básico do Calvário é tão pouco conhecido. Esta pode ser a razão pela qual ela está retida pelo nosso Pai no céu.

Agora vamos ver a explicação do Senhor sobre o Pentecostes antes de Ele morrer. Isso está resumido em umas poucas sentenças em João 14.20: “NAQUELE DIA, VÓS CONHECEREIS QUE EU ESTOU EM meu PAI, E VÓS, EM MIM [...]”. “Naquele dia”, o contexto nos diz, era o dia de Pentecostes. Os discípulos que ouviram essas palavras tinham andado com Cristo, viram-nO e O conheciam como um Homem; depois da Sua ressurreição, eles O veriam novamente como um Homem, mas com um corpo ressurreto. Eles deveriam tocar n’Ele e ver por si mesmos que Ele tinha “carne e ossos” como um Homem, comprovando uma verdadeira ressurreição física. Eles deveriam ver esse Homem ascender aos céus diante dos seus olhos,

enquanto eram deixados na Terra. Mas um “Dia” viria quando saberiam o significado espiritual interior de tudo isso.

Em Sua ascensão, eles sabiam que Ele tinha ido para Deus. Mas houve mais. “Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim.” O Espírito Santo lhes revelaria que também estavam em Deus – que o Senhor Ascendido os tinha tomado de volta com Ele em espírito para Deus. “Cristo morreu, o justo pelo injusto, para que pudesse nos conduzir a Deus.” Não apenas nos reconcilia com Deus, mas em espírito nos une a Deus. A separação causada pela Queda é removida. Por meio da cruz, o Adão caído é crucificado: “Porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus”. Quando veio “aquele Dia”, pelo Espírito Santo eles souberam que a fonte de suas vidas fora mudada. Eles entenderam que tinham morrido com Cristo e foram transportados do poder das trevas para o reino do Seu querido Filho.

Por isso, concluímos das palavras do Senhor que o grande significado interior do Pentecostes é o Espírito Santo tornando real para você a sua união com o Cristo Ascendido. Isso está em harmonia com a ordem que já vimos – o Calvário, a ressurreição e o Pentecostes. Primeiro você conhece a sua união com o Cristo crucificado, depois a sua união com o Cristo Ascendido e então a sua união com o Senhor Ascendido no seio do Pai, que, de acordo com João 14.20, é “Pentecostes”. Quando o Espírito Santo veio, os 120 conheceram experimentalmente o que significava o Calvário, a ressurreição e o Pentecostes. Eles souberam

que tinham morrido com o seu Senhor, souberam que foram unidos a Ele e tomados com Ele para Deus. Toda a perspectiva deles foi mudada naquele cenáculo. Desde o momento em que o Espírito Santo veio, olharam para o mundo do Trono de Deus. Eles entenderam as palavras do Senhor: “Como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20.21). Eles foram tomados de “volta para Deus” e foram “enviados” de Deus para proclamarem a Sua mensagem ao mundo.

Esta é praticamente a “provisão de poder” conforme prenunciado pelo Senhor. Isso realmente significa que pelo influxo do Espírito Santo em seu espírito ela encontrou o seu centro. Você não é mais “egocêntrico”, mas centrado em Deus. É quando somos assim tomados de volta, em união com o Senhor Ascendido, para Deus o Pai que o Espírito de Deus é capaz de operar por meio de nós tudo o que Ele quer fazer. É então que pode ser dito de você, como de Gideão: “Então, o Espírito do Senhor revestiu a Gideão, o qual tocou a rebate” (Jz 6.34). Isso significa não apenas o Espírito Santo no crente, mas o crente EM DEUS, e, portanto, coberto ou revestido por Ele. Isso é o que é prometido em Lucas 24.49. Aos discípulos foi dito para esperarem até que o Espírito Santo viesse, quando eles seriam “revestidos” com o poder do alto – poder que os faria saber que estavam com Cristo em Deus.

Novamente o Senhor disse: “E eu, em vós”. A última é o resultado da primeira condição. (1) “Eu estou em Meu Pai”, (2) “vós estais em Mim” e (3) “eu, em vós”. Isso significa poder dinâmico. De que adianta falar em ter

recebido um “poder” que não realiza nada? O “poder” – o poder real – é conhecido pelos seus efeitos, e não pelo seu barulho! Quando o crente é profundamente ancorado em seu centro divino, “com Cristo em Deus”, ele se move em uma órbita da Sua vontade durante todo o dia, como os planetas se movimentam em suas órbitas nos céus. Nada é perdido, ou ineficaz, quando Deus é a força motriz da sua vida, enquanto habita n’Ele.

Centrado em Deus, o crente não tem de se esforçar nem lutar, mas habitando em Deus simplesmente se move com Ele, concluindo a cada hora e a cada dia a realização do plano de Deus em sua vida. Quando lhe é ordenado que faça “grandes coisas”, não está consciente de que é ele quem as faz. Não há nenhum sentimento de “obrigação” sob as mais pesadas cargas. Ele se move com Deus, e quando lhe é ordenado que atue, atua também com Deus, pois Deus se move com ele, por isso Deus é responsável, já que Ele carrega a carga quando o crente executa a Sua vontade.

“EM VÓS” é o resultado de ser centrado assim com Cristo em Deus. Quando isso é realizado, há libertação da autoconsciência. O Espírito Santo vestindo o crente faz a habitação interior de Cristo tão verdadeira que ele se esquece de si mesmo e de como atua. Ele está se movendo em um elemento eterno, não apenas interiormente, mas em torno dele, o que o faz se sentir “em casa” em todo lugar. Assim ele, por assim dizer, carrega a sua própria atmosfera com ele. Isso é o que Davi percebeu quando disse: “Se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás

também” (Sl 139.8). Mesmo em meio daqueles que se opõem a Cristo, carregamos a nossa própria atmosfera conosco. Que contraste entre esta vida em Deus, com a sua facilidade e “naturalidade”, e a “mecânica”, o tipo de vida que muitos cristãos tentam viver. Eles utilizam um “processo” tão intenso para mantê-la elevada e para manter a “comunhão” e a espiritualidade que não têm tempo para pensar na salvação do mundo!

Mas Deus usaria completamente você, e todos os minutos do seu tempo, se você conhecesse a vida abençoada de estar unido ao Senhor Vivo, e escondido com Ele em Deus, para que, centrado em Deus, Ele o guarde e n’Ele você viva, se mova e tenha a sua existência.

Agora, por um momento, passe para Atos 2 e o leia sob a luz de João 14.20, pois, como vimos, ele é o prenúncio do Senhor do que ocorreria aos discípulos interiormente quando o Espírito Santo viesse e enchesse a casa onde estavam assentados. Os filhos de Deus têm estado tão ocupados com as exterioridades do Pentecostes, com as línguas de fogo e o poder da elocução que não procuram suficientemente por luz em outras partes da Escritura sobre a obra interior de Deus “naquele dia”. A consequência desastrosa disso é que muitos buscam as manifestações exteriores que aconteceram no Pentecostes sem nenhum conhecimento da vida interior profunda de união renunciada como o resultado interno da vinda do Espírito Santo “naquele dia”. Os discípulos souberam, quando o Espírito de Deus veio, que Cristo era verdadeiramente DEUS, que o Homem que tinham visto subir ao céu tinha chegado ao

Pai invisível e era, como havia dito, “no Pai”, Um com Ele. O DEUS VERDADEIRO DE DEUS VERDADEIRO. E eles sabiam, como apenas aqueles que são ensinados pelo Espírito Santo sabem, que foram unidos ao Senhor Ascendido, em unidade de essência que só é possível no espírito, e eram um com Ele em Deus. “Um em nós” (Jo 17.21), disse o Senhor. E eles sabiam igualmente que o Cristo Ascendido, misticamente, também estava neles.

Para perceber e experimentar isso repentinamente, como é possível fazer, eles também devem ter visto claramente o efeito da cruz como a causa disso. O “batismo” que repentinamente receberam foi um batismo na morte de Cristo, para que o espírito deles fosse liberto para (1) a união com Ele em Sua vida ascendida em Deus, e a libertação do seu espírito para ser (2) o canal do derramamento do Espírito Santo.

Agora vamos prosseguir para as epístolas e ver se elas confirmam e lançam mais luz sobre o significado do Pentecostes e se o Senhor Ascendido, por meio do Seu revelador – Paulo –, reafirma e amplia o Seu prenúncio do Pentecostes na véspera da Sua morte. Não temos tempo para delinear tudo isso nas epístolas. Apenas podemos nos voltar para 1 Coríntios 12.13, onde temos, em um verso mais uma vez, a descrição do Senhor Ascendido, por meio de Paulo, do que aconteceu em Pentecostes. Com a diferença de que em João 14.20 Ele (1) prenuncia a posição em direção a Deus, e em 1 Coríntios 12.13 (2) a obra exterior do Espírito, na e por meio da Igreja – o Corpo místico de Cristo –, comunicando a vida e o Espírito do seu Cabeça.

Vamos ler os versos 12 e 13: “Porque, assim como o corpo [natural] é um [...] todos os membros [...] constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo [Cristo místico composto de Cabeça e membros]. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados [no grego, imersos] em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito”. *The Speaker’s Commentary*<sup>8</sup> (O Comentário do Orador) diz: “embebido em um Espírito”. A provisão de poder no Pentecostes é manifestamente vista aqui. O contexto explica a forma pela qual o Deus Trino (versos 4 a 6) opera por meio dos membros do Corpo. João 14.20 mostra os crentes no Pentecostes em sua união com o Senhor tomado para Deus, e agora vemos a obra do Espírito Santo unindo todos a Cristo no organismo espiritual da Igreja. Eles foram “imersos no espírito”, de acordo com a analogia de João Batista batizando os homens na água como o elemento (veja a promessa de Atos 1.5). Imersos no Espírito, todos no cenáculo beberam do mesmo Espírito, que assim produziu a união prenunciada em João 14.20.

A palavra principal para enfatizar em 1 Coríntios 12.13 é “em”. Em João 14.20, Cristo disse: “E vós, em mim”, e em 1 Coríntios 12.13 encontramos o Espírito Santo fazendo esse trabalho de colocar os crentes em Cristo, em união essencial, como membros do Seu Corpo. Portanto, a ênfase no Pentecostes deve ser não nas

---

<sup>8</sup> Comentário crítico e explicativo da Bíblia de autoria de bispos e clérigos da Igreja Anglicana e publicado em 1871.

manifestações externas e incidentais, mas no significado interior e espiritual da vinda do Espírito Santo, deixando para Ele a obra exterior “segundo a Sua vontade” (veja 1 Coríntios 12.18).

Vamos agora voltar para Atos dos Apóstolos para ver os resultados da provisão do Pentecostes em algumas características especiais do serviço deles. Considere primeiro a palavra “poder”, de Atos 1.5 (e Lucas 24.49) – no grego é *dunamis*, da qual tomamos a palavra “dinamite”. Essa palavra grega, aponta um erudito grego experimentado, significa “poder inerente”, não tanto poder manifesto quanto poder possuído. Ela significa, entre outras coisas, “habilidade” e “capacidade”. Exatamente como se o Senhor dissesse aos Seus discípulos: “Vocês são bastante incapazes agora, mas quando o Espírito Santo vier, serão capazes de realizar o que quero que vocês façam”. Mas a ideia do poder do Pentecostes é bastante diferente disso. Ele é visto como algo milagroso, que realiza espetáculos miraculosos por meio daquele que o obtém! Contudo, não é assim. Muitos são tão “incapazes”, que sequer testemunham um “batismo de poder”. E quão “incapaz” é a maioria dos cristãos no menor serviço para Deus. Professores de escola dominical incapazes. Líderes de classe bíblica incapazes. Obreiros incapazes, ou não obreiros sob qualquer condição. E muitas vezes é porque essas almas “incapazes” pensam que um “batismo de poder” significa dons miraculosos, e não Deus apenas os tornando “capazes” na obra para Aquele que está perto da mão deles. Os “dons miraculosos”

podem ser dados, mas somente enquanto necessário para incrementar a “capacidade”.

Agora utilizando a palavra “poder” como tornando-se “capaz” ou “eficaz” para fazer a vontade de Deus em qualquer aspecto da vida ou serviço, vamos pensar (1) no poder da elocução eficaz. Pedro recebeu isso para que houvesse três mil almas tocadas no coração pelo seu primeiro sermão. Existe uma quantidade de ensino e pregação, até mesmo da verdade do Evangelho, que é ineficaz e não carrega nenhum peso! Não tem, como alguém disse, nenhuma “carga de poder”. Não vai mais longe do que aqueles que a ouvem. Então veja quão dependentes muitos pregadores e professores são de suas “anotações”, mas olhe para Pedro e observe como ele se tornou “capaz” de manejar a Palavra de Deus. Veja como os textos do Antigo Testamento se revelaram a ele e como “combinou” coisas espirituais com espirituais. Ele não poderia ter elaborado em sua própria mente uma visão panorâmica tão abrangente da Escritura acerca de Cristo e apresentá-la de uma forma tão condensada. Foi-lhe dada, pela sua imersão no Espírito, uma mente clarificada, uma memória vivificada, e “tornou-se capaz” de ser o mensageiro de Deus naquele maravilhoso dia, isto é, ele não foi simplesmente um “porta-voz”, mas um coobreiro inteligente com Deus.

Então note (2) a característica da provisão de poder na ousadia do testemunho. Você pode ter uma mensagem de verdade vital, mas se for “tímido” e consciente de si mesmo em entregá-la, ela não é eficaz. Deve haver, ao entregar a mensagem de Deus, uma ênfase da ousada

certeza. Não devemos ser positivos sobre nenhuma “visão” da verdade, mas sobre o que Deus diz. A nossa ocupação é de declarar a Palavra de Deus, não “visões” dela. Você pode ser “ousado” nisso, já que o Espírito Santo testemunhará com a sua declaração do “assim disse o Senhor”.

E (3) a provisão de poder é necessária para o negócio. Veja Atos 6.3. “Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio” (ARC). Esse pode ser o seu próprio “negócio”, bem como o “negócio” da Igreja, se o seu “negócio” estiver dentro da vontade de Deus para você. Lemos que Davi se tornou “hábil no negócio” depois que tinha recebido a unção. Um homem de negócios em Londres disse-me certa vez: “Você não sabe muito sobre negócios, mas faz inconscientemente as mesmas coisas que seriam consideradas a mais alta sabedoria nos negócios”! Sim, o Espírito Santo conhece o “negócio” e pode guiá-lo para que você não faça nenhuma confusão em suas questões de negócios.

Estava falando certa vez com um homem de negócios sobre as oportunidades que ele teve em seu negócio particular para fazer grandes coisas pelo reino de Deus, mas ele respondeu: “Está bem, mas tenho de conseguir o meu pão com manteiga!”. Mas o Senhor cuidará para que você tenha o seu “pão com manteiga” se você buscar primeiro o reino de Deus em seus assuntos terrestres. Ai, ai, como o diabo está enredando os homens de negócios cristãos hoje para paralisá-los na obra de Deus e destruir a sua influência. Por que deveríamos qualificar a “pregação”

como uma coisa maior do que o “negócio”? Isso não depende de qual é o plano de Deus para você?

Então há (4) a provisão de poder como manifestado na vida habitual. “[...] enchei-vos do Espírito, falando entre vós [...]” (Ef 5.18-19). Aqui temos a conversação eficaz para que Deus use você em todo o seu contato diário com os outros. Então encontramos o poder dado para “batalhar pela fé”. Paulo cresceu em força para “confundir os judeus” enquanto buscava provar a eles que Jesus era o Cristo (Atos 9.22 e capítulo 7). A controvérsia não deve ser evitada quando é necessária para a manutenção da verdade. A verdade nunca deve ser sacrificada pela paz. Estêvão e Paulo foram dotados de poder para esse trabalho.

Então (5) há o se tornar capaz de enfrentar os poderes satânicos. Vemos isso na história de Paulo e o mágico. Quando encontrou esse homem, e Satanás se opôs a ele, Paulo firmemente resistiu-lhe e repreendeu o demônio nele, exatamente como fez à menina com o espírito de adivinhação. Neste último caso, o apóstolo não falou imediatamente. Teve paciência com a pobre alma enganada, até que o influxo do Espírito de Deus surgisse em seu espírito.

Se você estiver centrado em Deus, e andando com Ele, descobrirá também que quando vai contra o poder das trevas em algo específico, o Espírito de Deus levantará você no momento certo na força divina para tratar com ele. Paulo soube o momento de voltar-se para o demônio e dizer: “Ordeno-te em nome de Jesus Cristo que saia dela”.

Note (6) o “discernimento de espíritos” que Paulo teve. Ele discerniu o mau espírito na menina e no mágico. Esse não é o “dom” de percepção ou discernimento, mas o poder para denunciar a diferença entre “espíritos”. Você pode ver em 1 Coríntios 12 a obra do Espírito Santo nos membros do Corpo de Cristo, tornando uns e outros “capazes” de realizar a vontade de Deus.

Concluindo, vamos voltar à cruz como a base de tudo o que dissemos. Vamos nos mover da união com Cristo em Sua vida, e a provisão de poder pela imersão no Espírito Santo, para ver mais uma vez o lugar da cruz na obra do Espírito para a realização de todos esses propósitos de Deus.

Em 1 Coríntios 12.13 lemos: “Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos [...]”. Os judeus e os gentios, lemos em Efésios 2.14, tinham “uma parede de separação” entre eles. Como ambos podem se tornar membros do Corpo Místico de Cristo e “beberem de um Espírito”? Só pela cruz. Por isso, a cruz está colocada como a base de João 14.20 e Atos 2. A cruz está na base da UNIDADE DO CORPO, e somente quando a obra profunda da cruz é conhecida, os membros do Corpo podem ser unidos ao beber de um Espírito. Vamos ler Efésios 2.13-17: “Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que

dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade. E, vindo, evangelizou paz a vós outros que estáveis longe e paz também aos que estavam perto [...].”

O lugar da unidade entre cristãos hoje é claramente a cruz. E isso por destruir toda base de inimizade entre aqueles por quem Cristo morreu. A barreira entre judeus e gentios foi a das “ordenanças”. Mas crucificado com Cristo, o “judeu” deixa de ser judeu, o gentio deixa de ser gentio. E, podemos dizer, o “batista” deixa de ser batista, o wesleyano um wesleyano, e assim por diante. Todas essas exterioridades podem existir, e estarem de acordo, mas elas pertencem apenas à vida exterior, porque cada crente regenerado é intimamente membro do Corpo de Cristo, parte de uma Nova Criação, que não é nem judia nem gentia, nem masculina nem feminina, mas um “Novo Homem” consistindo de Cristo, o Cabeça dos Seus membros.

É muito importante que, na prática, os filhos de Deus entendam as duas posições: externamente a posição terrestre, com os relacionamentos terrenos, e internamente a posição celestial em Cristo. Não somos nem wesleyanos, nem batistas, nem igreja da Inglaterra, nem judeus, nem gentios. Somos todos um em Cristo Jesus. Mas quando, por exemplo, alguém volta à sua própria esfera, ele é ministro batista, leal e fiel à sua parte da igreja. Temos de nos lembrar da posição celestial e quando atuar de acordo com ela; e da posição em casa ou nos negócios e

quando atuar em harmonia com ela. Por exemplo, na sua posição celestial você pode ser líder, na sua posição no “lar” pode ser “subordinado”.

Hoje a igreja de Deus precisa dar um exemplo de fidelidade de obediência à lei. A “ilegalidade” é exterior. Servos incapazes de liderar estão procurando ser “mestres”, e os “mestres” estão falhando na liderança, mostrando-se indignos do nome. A palavra “servo” é rejeitada como algo depreciativo. A Igreja deve elevá-la novamente ao seu lugar de dignidade. Devemos ser “reis” em nossa posição celestial, e na Terra os servos de todos. Não temos igrejas ideais hoje, por isso o caminho é difícil, mas vamos nos lembrar de que Deus é um Deus de ordem, e os Seus filhos não devem se tornar uma causa perpétua de distúrbio em seus lares ou em suas igrejas.

A CRUZ É O LUGAR DA UNIDADE, porque ali a velha vida de Adão, no judeu e no gentio, foi crucificada, e Deus criou um “novo homem” em Cristo Jesus. A cruz destrói a velha vida de Adão em sua “parede de separação”, que divide cristão de cristão, como certa vez vi em uma conferência perto de Berlim. Obreiros da liderança cristã tinham se reunido de todas as partes da Alemanha para uma conferência de três dias. Na primeira reunião, entreguei uma mensagem, por meio de tradução, sobre o assunto da cruz como demonstrado em Efésios 2. Nessa ocasião, pronunciei uma frase, então esperei calmamente e escutei enquanto o alemão era proferido, as pausas tornaram a mensagem mais eficaz – até que repentinamente uma irmã se levantou no meio do público e disse algo em

alemão. Esperei. Então ela se virou e dirigiu as suas palavras a alguém atrás dela, e essa pessoa se levantou e começou a apertar a mão de outra pessoa. Então vi que Deus estava operando e cuidando da reunião. Então me sentei, observei e não tive mais oportunidade para falar.

Todos na conferência passaram a resolver assuntos uns com outros. O choro e as “reconciliações” foram muito comoventes. O resultado foi que depois de aproximadamente uma hora dessa abençoada evidência do poder da cruz para “matar” a “inimizade” entre os filhos de Deus, a conferência se dissolveu, e os obreiros saíram para as florestas ao redor, alguns deles de braços dados com aqueles com quem não falavam havia anos. Depois disso, realmente tivemos uma enchente de bênção. O “fogo do Senhor” caiu. Continuamos no tema da cruz em um aspecto e outro, até que alcançássemos o ponto em que pudéssemos seguramente buscar a provisão para o serviço. Mais da metade dos participantes apresentou-se e se lançou ao chão da plataforma, pedindo a Deus que lá e depois viesse em seus espíritos o influxo verdadeiro do Espírito Santo. E Ele veio.

Todos os lugares em que alguns desses obreiros foram depois daquela conferência tiveram um reavivamento. Aldeia após aldeia, e até nas casas das diaconisas nas quais ficaram durante a noite, ele irrompeu. Deus realmente veio! Isso comprova que o Espírito Santo precisa da unidade entre os crentes antes que Ele possa operar, e que essa verdadeira unidade venha por meio da cruz.



## CAPÍTULO 8

# *A Cruz e a Língua*

“[...] vos digo, até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo.” – Filipenses 3.1-18.

O grau da nossa real identificação com Cristo em Sua morte, e o critério do estágio do nosso crescimento na maturidade da vida da nova criação, não está em nenhum aspecto mais marcante do que em relação aos “pecados da língua”, especialmente em relação àqueles que vemos serem os “inimigos da cruz”, por ignorância ou teimosia. Pois em nenhuma manifestação da “carne” a sua atividade é mais dolorosa e desastrosa do que na linguagem usada até mesmo pelos verdadeiros servos de Deus em relação àqueles que são pegos na apostasia de nossa época, renegando “o Soberano Senhor que os resgatou” (2 Pe 2.1), ou presos nas artimanhas de Satanás de alguma forma.

“Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo”, escreve o apóstolo Tiago (3.2). A palavra “perfeito” nessa passagem, segundo a Concordância Analítica de Young, significa “completo”, um homem completo. A mesma palavra é usada em

Eféios 4.13 e é traduzida no texto da Versão Revisada<sup>9</sup> como um “homem maduro”; e novamente em Colossenses 1.28, onde é traduzida por Conybeare como “maduro em Cristo” a palavra que denota o “crescimento até a perfeição da maturidade”. Novamente, encontramos a palavra em Colossenses 4.12, e aqui é traduzida por Conybeare com o significado de “perfeição de compreensão e plena certeza de crença”. E, finalmente, a palavra ocorre em Filipenses 3.15, onde o apóstolo escreve: “Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento [...]”, e a palavra “perfeitos” é a antítese do “bebê” (nota de Conybeare).

Segundo o apóstolo Tiago, então, não tropeçar na palavra é a marca suprema de um homem espiritual “completo”, completamente “maduro em Cristo”, tendo chegado à perfeição da maturidade como uma nova criação em Cristo Jesus, tendo assim a “perfeição da compreensão e a plena certeza da crença”, não sendo mais como criança, levado “ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (Ef 4.14), mas capaz de dizer a verdade em amor, na plena certeza de fé e no conhecimento sereno e perfeito da maturidade em Cristo.

Hoje é um tempo de peneiramento para todos os filhos de Deus em todos os graus na vida espiritual. Os homens “espirituais” agora provarão a sua “perfeição de

---

<sup>9</sup> A Versão Revisada (Revised Version – RV), ou Versão Revisada em Inglês (English Revised Version – ERV), é uma revisão britânica do fim do século XIX da Versão King James.

maturidade” por “não tropeçar na palavra” durante a aflição presente. As palavras de pânico e apressadas, desumanas não podem coexistir com a “plena certeza de fé” e o conhecimento profundo de Deus do verdadeiro homem “espiritual”. O espírito do homem que é “maduro na compreensão” é mostrado nas palavras de Paulo imediatamente depois da sua declaração: “Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento [...]”. “Pois muitos andam entre nós”, ele disse, “dos quais, repetidas vezes, eu vos dizia e, agora, vos digo, até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo” (Fp 3.18). “Chorando!” Ah! Este é o espírito do homem espiritual! Nenhum homem que chora ao falar dos inimigos da cruz “tropeçará na palavra” nem ofenderá o Espírito Santo de Deus pelo fruto dos seus lábios. A verdade deve ser dita, mas em amor e “angústias do coração e com muitas lágrimas” (2 Co 2.4), para aqueles que se desviaram. E não vamos nos esquecer de que a “verdade” não significa o que consideramos “verdade” sobre o outro, mas o testemunho que damos da verdade de Deus, como “está escrito”, e nós a provamos e reconhecemos em nossa vida.

E “não tropeçar na palavra” tem muito a ver com o nosso poder na oração e o nosso lugar de habitação, onde podemos ter poder com Deus e prevalecer com os homens. Se o adversário puder nos tirar do lugar escondido “com Cristo em Deus” por meio da contenda das línguas, ele o fará. Guerreiros da oração, vamos tomar conhecimento de que habitamos no lugar onde podemos “levantar mãos santas sem ira nem dúvida”. Devemos “não tropeçar na

palavra” se quisermos realmente habitar dentro do véu. E por quê? O apóstolo Tiago mostra claramente a razão: “Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso?” (Tg 3.11). Podemos dizer palavras amargas num momento e em seguida ser um canal de correnteza doce e pura do “rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro” (Ap 22.1)? Vamos prestar atenção em Tiago novamente e ouvi-lo dizer a razão pela qual a marca de um homem realmente “santificado” no espírito, na alma e no corpo é o “não tropeçar na palavra”.

A “língua”, diz o apóstolo, “põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno” (Tg 3.6). A “carreira da existência humana”, ou vida, que veio a nós do primeiro Adão em nosso nascimento neste mundo sempre é despertada ou “inflamada” pelo inferno – pela serpente que envenenou o curso da vida terrena no Éden. E a arma mais eficaz da serpente é a língua, para “inflamar” a “carreira da existência humana” em nós mesmos ou em outros. Daí o maravilhoso silêncio manifestado por Cristo, o Último Adão, como o padrão da vida de Cristo para o Seu remido, quando foi acusado pelos principais sacerdotes e anciãos. Ele não respondeu nada. “Então, lhe perguntou Pilatos: Não ouves quantas acusações te fazem? Jesus não respondeu nem uma palavra, vindo com isto a admirar-se grandemente o governador” (Mt 27.13-14). Só quando apelou para a verdade o Senhor Cristo falou e deu testemunho da

verdade (veja João 18.37). “Logo, tu és rei?”, disse Pilatos. “Tu dizes que sou rei”, respondeu o Rei Prisioneiro.

Isso deve ser assim ainda hoje. O silêncio da testemunha é criminoso. As vozes de trombeta dos líderes do Israel espiritual de Deus não devem dar nenhum som incerto no dia da batalha, mas em todas as fileiras do exército do Senhor a “carreira da existência humana” não deve ser inflamada pelo inferno, ou será um desastre de fato. O curso – ou mover – da vida natural que veio a nós no nascimento deve ser guardado constantemente sob o poder da cruz de Cristo para que a vida do Último Adão possa crescer em nós em perfeita maturidade. A alma que assim foi unida a Cristo na morte sabe como levar “sempre” o morrer de Jesus e esconder-se na Fenda da Rocha longe da contenda de línguas, que o “inferno” usaria para “inflamar” a velha vida, se ela não se mantiver crucificada com Cristo.

A marca, portanto, de um homem espiritual maduro, a saber, “não tropeçar na palavra”, agora é fácil de ser entendida. Ele se torna “maduro” com o seu corpo sob o domínio completo do Espírito. O “veneno mortal” da serpente transmitido pela língua para despertar a “carreira da existência humana” deve encontrar o crente profundamente escondido na morte da cruz, para que se torne um canal para que Deus manifeste por meio dele a cura, a bênção, as palavras vivificantes do amor. Vamos, portanto, considerar este tempo e pedir pela luz de Deus sobre as palavras da nossa boca, para que não percamos inconscientemente o nosso poder dentro do véu. Vamos “apartar o

precioso do vil”, isto é, distinguir na luz de Deus quais palavras são d’Ele e quais são da nossa própria mente, para que possamos ser como a Sua boca (Jr 15.19) nestes dias de crise.

## CAPÍTULO 9

# A Cruz e o Avivamento

Se olharmos para os capítulos precedentes, podemos compreender por que o avivamento vem à tona neste momento oportuno. No avivamento em Gales<sup>10</sup>, o tema que se sobressaiu foi a mensagem do Calvário. É só quando vemos a cruz como o centro e a base de todo o trabalho do Espírito Santo que o avivamento se torna possível. Vamos agora procurar entender algumas das leis e dos perigos do avivamento, mesmo quando conhecemos alguns dos vários aspectos da cruz. Ao tratar com esse assunto, incluirei o original de um manuscrito que faria parte do último capítulo do livro *Guerra contra os santos*<sup>11</sup> e por alguma causa foi omitido. Ele tem a sua origem em lições aprendidas do avivamento em Gales.

Antes de tudo, vamos definir resumidamente que o avivamento, em sua essência, é o fluir do Espírito de Deus através do espírito humano. Isso está em harmonia com o que Fausset<sup>12</sup>, comentarista evangélico bem conhecido, diz sobre o espírito humano. Ele escreve: “O espírito

---

10 O avivamento no País de Gales, um minúsculo principado da Grã-Bretanha, que ocorreu de 1904 a 1905, foi um dos maiores avivamentos na História, dado o curto tempo de duração e o impacto que causou, não só nas regiões circunvizinhas, mas através de todo o mundo.

11 Publicado pela Editora dos Clássicos.

12 Andrew Robert Fausset (1891-1910) nasceu em Silverhill, Irlanda. Foi ordenado ministro em 1848 e publicou muitas obras cristãs eruditas, entre elas o livro *Spiritualism* (Espiritualismo), em 1885.

do homem é o receptáculo do Espírito Santo e é o órgão no qual Ele vive e pelo qual Ele opera”. Você verá, por essa definição simples, quão vitalmente todas as verdades da cruz e as leis da vida espiritual que estivemos considerando afetam a questão do “avivamento”.

Agora vamos perguntar: quais são as condições primárias do avivamento, além da oração? Em primeiro lugar, o negativo: a retirada de todos os obstáculos para o fluir do Espírito. Isso introduz a obra da cruz aplicada pelo Espírito de Deus. Em segundo lugar, o positivo: a compreensão de como cooperar com o Espírito Santo de Deus. Isso introduz o lado vivificador da cruz, o fluir do Espírito Santo e o crente aprendendo experimentalmente como andar no espírito.

Agora, quanto a alguns dos principais “obstáculos”, temos: (1) no espírito, um espírito inflexível, irreconciliável, impaciente; (2) na vida, ignorância do que é certo e do que é errado, para que as coisas que obstruem o Espírito Santo sejam toleradas; (3) no serviço a Deus, a relutância de falar das coisas de Deus e testemunhar.

Para tratar com os obstáculos é necessário: (1) a limpeza do espírito (2 Co 7.1), pelo abandono da inflexibilidade; o perdão daqueles que agiram mal contra nós, a rendição de um espírito “impaciente” entregando tudo a Deus; (2) a busca da luz de Deus sobre o “certo” e o “errado” na vida, pondo as coisas em ordem à medida que a luz é dada; (3) a rendição a Deus para obedecer à admoestação do Espírito Santo na forma de falar e no testemunho.

Então vem o sangue para limpar tudo o que a luz revela, e a cruz em seu poder libertador, pondo o crente em liberdade pela sua identificação com Cristo em Sua morte, aplicada pelo Espírito Santo.

Agora, quanto aos perigos do avivamento, de forma primária podem ser resumidamente definidos como: (1) o perigo de atuar ou viver pelo “sentimento” ou vida sensorial, em vez da vida do espírito; (2) o perigo decorrente dos espíritos malignos falsificando a obra do Espírito Santo. Ao lado do perigo de se tornar dominado pelos “sentimentos” e emoções, os perigos do avivamento vêm principalmente do mundo invisível dos espíritos. O Falsificador está vigiando para falsificar e inserir a sua obra no lugar da obra de Deus.

Durante o auge do avivamento de 1905 em Gales, o fato de que era possível Deus começar uma obra pura do Espírito Santo e os espíritos falsificadores inserirem uma “falsificação” que a alma ignorantemente aceitava ficou claro muitas vezes. Desse modo, apareceram as mesmas manifestações, mas a fonte foi mudada sem ser detectada. A mudança da fonte das manifestações sobrenaturais sem o conhecimento do crente é, por isso, o perigo principal. Um “fluxo” muito pequeno, ou “mancha”, inserido pelo inimigo causa mistura que não pode ser discernida a princípio, porém mais cedo ou mais tarde produz fruto em confusão e problema.

Em vista desse perigo – o principal perigo –, se oramos pelo avivamento, devemos orar para Deus

preparar filhos d'Ele inteligentes e espiritualmente equipados para guiarem e ajudarem Seu povo. Crentes que conhecem os caminhos de Deus, e conhecem os caminhos do inimigo, e realmente são dotados por Deus com o poder de discernir os espíritos, capazes de dizer até mesmo quando a fonte dos fenômenos espirituais é mudada. Tais almas podem discernir quando o espírito que opera em uma reunião é mudado de puro para falso e sabem como tratar com o espírito falso e como trazer de volta a reunião ao puro fluir de Deus novamente. Isso ocorreu no avivamento em Gales muitas vezes, e aqueles que seguiam a liderança daquele que assim “discernia” os espíritos em operação se maravilhavam.

Lembro-me de uma vez estar em uma reunião na Inglaterra onde a atmosfera era tão pura quanto o cristal. A percepção do espírito, quando ele conhece a Deus, pode sentir a atmosfera, e onde Deus está em grande poder há uma sensação do “cristal brilhante que metia medo” de que falou Ezequiel (1.22). Então parece que a atmosfera é tão transparente que tudo nela fora da harmonia com Deus parece repulsivo e doloroso. A atmosfera da referida reunião era semelhante a isso, quando alguém se levantou para orar. Imediatamente, deu a impressão de que um fluir impuro foi derramado na reunião, enchendo a atmosfera de um sentimento de “turvação”, e o puro e belo sentimento claramente cristalino da Santa presença de Deus se foi. Aquela pessoa tinha orado com a vida sensória da alma, e não com o espírito.

Aqueles que têm essa consciência aguda e sensível do que é “espírito” e do que é “alma” – ou sensorio – podem detectá-lo neles mesmos pelo som da voz, que fica “metálica” ou áspera, quando o crente recorre aos seus recursos “naturais”, mas quando ele fala com o espírito, há uma maciez delicada e pureza na voz que tornam o tom belo. Sim, tudo que vem do Espírito de Deus é belo. Não há nada repulsivo – nada que você evitaria –, então tenha cuidado de se esforçar para aceitar, como de Deus, aquilo que o seu espírito evita como repulsivo. Muitos hoje são atraídos para as falsificações porque não se lembram disso. Vamos ter uma concepção correta da presença de Deus. Onde Ele está em poder você tem um prenúncio do céu, e essa presença celestial é sentida pelo seu espírito, não pela sua alma, isto é, pela sua consciência física. “Deus é Espírito, e aqueles que O adoram devem adorá-LO em espírito e em verdade.”

Infelizmente, muitos hoje podem estar enganados quanto ao seu verdadeiro estado espiritual pelo esforço feito em muitas igrejas de apelar para o sensorial e para o amor natural à beleza por meio da bela música e do cântico atraente, que serão considerados como nada na eternidade. Se é verdade que “Deus é Espírito, e aqueles que O adoram devem adorá-LO em espírito”, qual é o proveito de toda a adoração sensorial motivada pelo alívio ou satisfação dos desejos da alma, sem o verdadeiro conhecimento de Deus ou do Seu Evangelho? Vamos cuidar nós mesmos para que a nossa adoração a Deus seja em espírito e em verdade.

Como vimos, o principal perigo do avivamento é que quando Deus começa a operar em poder incomum, o falsificador tem a sua oportunidade. É nesse momento que os espíritos religiosos – um escritor da América chama de “espíritos da alta ordem” –, que “pairam sobre os Alpes da vida espiritual”, pairam sobre aqueles que estão entrando nos reinos do espírito que nunca conheceram antes. São os espíritos refinados e belos que devem ser os mais temidos, e não os espíritos grosseiros e repulsivos. Quando Paulo disse que Satanás se transforma em “anjo de luz”, claramente quis dizer que Satanás pode parecer ser luz quando ele mesmo é todo trevas. Ele pode provocar “lampejos de luz” e “inundações de luz” e encher uma sala de luz. Você pode dizer quando eles são do inimigo?

Tudo o que estivemos aprendendo sobre a cruz nos equipará para enfrentar esses “perigos”. Portanto, se oramos pelo avivamento e o desejamos, devemos pedir para Deus nos capacitar para compreender as verdades que nos qualificarão para sermos usados por Ele quando ele vier.

Agora, por último, vamos resumir algumas sugestões de como conduzir reuniões para gerar o avivamento, ou durante o tempo de avivamento – que significa o tempo em que o Espírito de Deus está operando com grande poder –, pois essas “sugestões” são adaptáveis e “avivadas” – o verdadeiro avivamento não pode ser operado por meio de métodos. Essas sugestões são apenas para mostrar como cooperar com o Espírito Santo na ocasião certa, para dar a Ele a liberdade plena para operar.

Vimos que o “avivamento” é o resultado de um influxo no espírito humano regenerado e de uma efusão desse mesmo espírito. O batismo do Espírito Santo, ou provisão de poder, conseqüentemente traz a percepção do espírito à consciência aguda, que, se aprendermos a lê-la corretamente, nos ensinará como cooperar com o Espírito Santo na condução de uma reunião, não apenas quando Ele Se move através do nosso próprio espírito, mas quando Se move no espírito de outros.

1. Quanto ao líder da reunião, ele deve ser um escolhido de Deus e equipado pelo poder do Espírito Santo. Portanto, ele deve ser batizado com o Espírito, para que esteja consciente da percepção do espírito mencionada, pela qual conhece a mente do Espírito nele e é capaz de discerni-la em outros.

2. O líder, por abrir-se à liderança do Espírito Santo, deve ser capaz de falar a qualquer momento quando a necessidade surgir, livre da dependência de anotações ou da ajuda da memória. Para guiar a reunião sob a orientação do Espírito, ele precisa ser capaz de falar “quando o Espírito dá a elocução” e de saber o momento certo e a mensagem certa.

3. O líder nunca deve deixar as rédeas da reunião, liderando do começo ao fim, embora externamente possa parecer que não esteja participando dela. Posso ilustrar a importância disso por meio de um exemplo concreto. Certa vez, estava acompanhando uma grande reunião em que alguém que tinha sido muito usado no avivamento em outro

país estava presente, e a reunião foi entregue a ele. Ele falou apenas algumas palavras e logo colocou seu relógio sobre a mesa, curvou sua cabeça em oração e deliberadamente deixou a reunião prosseguir como se ele não tivesse nada a ver com ela. Podia-se ver que ele tinha se afastado completamente da direção dela. Isto é, ele não continuou dirigindo-a intimamente, pela vigilância e prontidão para intervir. O resultado foi alarmante. No momento em que ele “deixou prosseguir”, houve uma explosão selvagem de uma parte daquela reunião, que foi indescritível. Houve um “assobio”, como se serpentes estivessem ali, e um barulho lamentoso como o assobio do vento no cordame de um barco em uma tempestade. O líder não tentou tratar com isso, e não foi possível recuperar o controle daquela reunião – ela praticamente naufragou. Nenhuma operação de Deus poderia ser feita naquela atmosfera. Isso mostra que quando Deus dá o encargo de uma reunião a alguém, este é responsável por mantê-la para Deus e confiar no Espírito Santo para suprimir diretamente qualquer invasão dos espíritos de Satanás. Ninguém poderia pretender que a explosão que descrevi era de Deus.

(4) O líder deve observar atentamente a reunião, buscando, na dependência de Deus, discernir quando tocá-la (exteriormente) e quando deixá-la em paz; e quando se mover com Deus na canção, ou na oração, ou na mensagem.

2. QUANTO À REUNIÃO, um programa preparado previamente não é nenhum empecilho, pois pode ser usado se não houver nenhum movimento discernível do

Espírito Santo entre o povo. Mas o líder deve estar pronto para deixar o “programa” quando o Espírito de Deus lhe mostrar para assim fazê-lo. Mas não se deve permitir que a reunião “tome seu próprio curso” até que o Espírito Santo esteja indubitavelmente operando no meio do povo.

É um grande sinal de que o Espírito Santo está no controle quando as pessoas estão “concentradas” e são objetivas, sem nenhuma tagarelice da “carne” – é a atmosfera que é o grande fato. Quando Deus está totalmente no controle, você descobrirá que a reunião precisará de muito pouco direcionamento do líder.

A intrusão da atividade carnal em qualquer momento deve ser tratada imediatamente. Isso pode ser feito conduzindo a reunião à oração ou pela fala do líder. Nunca se deve permitir que a “carne” tome o controle de uma reunião, ainda que ela possa ser interrompida por um breve período. O líder deve ficar alerta para verificar isso e eliminar os seus efeitos por algum curso de ação guiado pelo Espírito.

O líder também deve estar atento e profundamente pronto para discernir alguma manifestação de maus espíritos, que sempre estão vigiando para inserir seu próprio fluir quando há qualquer movimento de Deus. Pelo discernimento de espíritos, que é dado com a provisão de poder, um líder que conhece a vida segundo o Espírito pode detectar o primeiro traço da obra do inimigo. Ele não precisa falar às pessoas sobre isso, mas por meio da oração,

ou de uma mensagem da verdade, ou da resistência silenciosa (no espírito) pode rapidamente extinguir a sua obra.

3. Como conduzir uma reunião “pesada” à liberdade. (1) As “cargas” sobre todos os presentes podem ser retiradas pelos pedidos de oração audíveis ou pela expressão da necessidade. As pessoas vão a uma reunião sobrecarregadas com as suas próprias preocupações e com seu espírito oprimido ou pesaroso. Sobrecarregadas no espírito, elas não estão abertas a Deus porque estão sobrecarregadas. O líder começa a falar com elas e acha que são “tão duras”. Mas elas não são “duras” – estão sobrecarregadas. Provavelmente, a reunião seria “liberada” se primeiro todas pudessem estar livres para expressar as suas cargas, seja em oração, seja pedindo oração a outros.

(2) O líder deve gastar tempo para tornar a reunião livre. Quando ela estiver livre do peso, da pressão, da opressão, será fácil para ele entregar a mensagem.

(3) O líder deve estar ele mesmo em vitória para que seja capaz de impulsionar a reunião, e não depender das pessoas para a sua própria libertação. Às vezes, o próprio pregador vai a uma reunião sobrecarregado e confiando na inspiração que virá a ele da reunião. Mas esta não é a forma de Deus. O pregador não deve depender da resposta das pessoas, mas ser capaz de mudar a atmosfera e conduzir a reunião à libertação, isto é, a reunião não deve ser usada como uma “muleta” para suprir a falta de oração e preparação ou para libertar o pregador da sua própria carga.

(4) O pregador deve entregar a sua mensagem mesmo se estiver consciente da oposição à verdade que está entregando, seja da atmosfera dos poderes das trevas, seja das pessoas, e quando assim o faz o Espírito Santo operará, e a reunião será dominada pela verdade, evitando assim o diabo, que de outra maneira terá o domínio dela.

Temos falado sobre uma provisão de poder que é efetiva, e há um grau do poder de Deus operando através de nós que conquistaria qualquer reunião. O segredo dele está na vida do “grão de trigo”, pois quando o crente é profundamente imerso na morte de Cristo, há um fluir do Espírito Santo que, por assim dizer, encharca a reunião, como se fosse encharcada em uma inundação do rio de vida que corre do trono de Deus. É algo mais do que a obtenção da bênção individual. Por mais que saibamos que Deus já está trabalhando em nós, é possível haver uma força mais forte e mais pura do Espírito divino em nosso espírito se aprendermos mais profundamente as condições da operação do Seu poder.

De qualquer modo, seria sempre melhor para o pregador não rebaixar as reuniões “duras” ao estado das pessoas, mas considerar tal “dureza” como uma chamada mais profunda à cruz para ele mesmo e para que o “grão de trigo” experimente a comunhão com Cristo.

(5) Todos na reunião devem entender que estão livres para participar, e não deve haver nenhum vínculo com o tempo. A reunião deve ser livre para continuar até que seja evidente que o Espírito de Deus permita a sua

conclusão. Esta é uma das maiores necessidades no “avivamento”, mas circunstancialmente muito difícil de obter. Contudo, muitas vezes, quando o Espírito de Deus estava no auge da operação, foi necessário encerrar a reunião. Somente Deus pode mostrar aos Seus servos como este ponto pode ser encontrado. Que Ele nos ensine como trabalhar com Ele em avivado poder.

Nota: a pergunta que pode ser feita é se, em vista da volta do Senhor, devemos orar, ou esperar, pelo “avivamento”. Há, indubitavelmente, no momento presente um despertamento da oração pelo “avivamento”, pois está crescendo a convicção de que a única alternativa para a “revolução” é o “avivamento” ou a vinda do Senhor. A história da Revolução Francesa, e de como a Inglaterra foi salva de um motim semelhante pelo “avivamento” por meio de Wesley, é referenciada por muitos, e é historicamente verdade que muitas vezes em que a Inglaterra parecia estar mais em trevas do que a África, Deus interveio em resposta ao clamor do Seu povo.

Mas “A VINDA DO SENHOR ESTÁ PERTO”. Se o “avivamento” precederá este evento glorioso ou o seguirá, não sabemos. A palavra do apóstolo Pedro em Pentecostes, de que o derramamento então dado foi apenas um sinal do cumprimento da profecia de Joel para os últimos dias, é suficiente para mostrar que o “avivamento” é conveniente agora, quer venha antes, quer em consequência da vinda do Senhor. Em ambos os casos, podemos orar por ele e preparar o caminho para ele, quer estejamos nele,

quer fora dele, por estarmos “ausentes do corpo e presentes com o Senhor”.

## CAPÍTULO 10

### *A Cruz como uma Proclamação*

“A palavra da cruz é o *dunamis* de Deus”, disse o apóstolo Paulo. O Dr. Mabie indica que a palavra grega aqui é *logos*, ou *palavra*, e não pregação, como na King James. Ela é a mesma usada para o próprio Cristo em João 1.1: “No princípio era o *logos*, e o *logos* estava com Deus, e o *logos* era Deus”. O léxico grego dá o significado de *logos* como (1) a palavra pela qual o pensamento interior é expresso e (2) o próprio pensamento interior. Cristo, o Filho de Deus, em Si mesmo é a “palavra” de Deus ao mundo – Seu “pensamento interior” expresso (Hb 1.3); e Ele é o próprio pensamento interior de Deus revestido de humanidade. O “logos” da cruz também é o “pensamento interior de Deus expresso” da única forma na qual Ele poderia salvar o homem caído e recriá-lo na imagem de Cristo. O “logos” da cruz, portanto, contém em si mesmo o poder de Deus. É dinâmico – e por meio dele o Espírito Santo manifesta a capacidade energética de Deus para salvar. Não é a “pregação” da cruz que é o poder, mas a palavra da cruz, e é essa “palavra da cruz” que deve ser proclamada a um mundo caído e perdido, como uma mensagem de Deus, anunciada como um arauto ANUNCIA UMA PROCLAMAÇÃO por um rei terreno.

Isso pode ser observado nas epístolas de Paulo. Ele disse: “[...] vos proclamamos o evangelho de Deus” (1 Ts 2.9). A nota de rodapé de Conybeare diz: “A palavra original envolve a ideia de um arauto que proclama uma mensagem”. Novamente em Tito 1.3: “[...] e, em tempos devidos, manifestou a sua palavra mediante a pregação [literal: proclamação] que me foi confiada por mandato de Deus, nosso Salvador [...]”. E em Gálatas 1.15-16: “Quando, porém, [...] aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse [literal: proclamasse] entre os gentios [...]”.

“Uma proclamação” necessita de um “arauto”, por isso o apóstolo escreve a Timóteo: “[...] e manifestada, agora, [...] mediante o evangelho, para o qual eu fui designado pregador [arauto]” (2 Tm 1.10-11). “[...] o qual [Jesus Cristo] a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos. Para isto fui designado pregador [arauto] [...]” (1 Tm 2.6-7). Todas essas passagens mostram a natureza de “arauto” de Paulo na pregação da cruz.

Quanto aos termos da proclamação, é (1) a “palavra” da CRUZ: “Porque tanto os judeus pedem sinal, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gregos [...]” (1 Co 1.22-23); e (2) a palavra da cruz com a sua parte gêmea da ressurreição: “Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho [...]” (2 Tm 2.8). Aqui temos a dupla mensagem da cruz declarada como os termos da

proclamação: (1) um Messias crucificado e (2) um Messias ressuscitado dos mortos. O Calvário e a ressurreição. Não um sem o outro. Uma morte física verdadeira e uma ressurreição física verdadeira.

Quanto à responsabilidade do “arauto” para “proclamar” a mensagem, encontramos isso em 1 Coríntios 9.16-17, onde Paulo escreve sobre ele mesmo: “Se anuncio [proclamo] o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho! Se o faço de livre vontade, tenho galardão; mas, se constrangido, é, então, a responsabilidade de despenseiro que me está confiada”. Esta é uma linguagem forte, mas Paulo a usa para mostrar aos coríntios a compulsão divina sobre ele e quão solene é a confiança entregue a ele. Naquele tempo, eles entendiam quão absolutamente um escravo tinha de obedecer ao seu senhor. Embora o apóstolo servisse de livre vontade, também no que dizia respeito a sua mensagem, o constrangimento sobre ele o punha no mesmo lugar de um escravo. Ele sentia que não poderia nem mesmo fazer seu trabalho primeiramente pelo “galardão”! Ele tinha de cumprir seu dever, quer tivesse “galardão”, quer não.

Que o mesmo sentimento de ser constrangido por Deus para “proclamar” a Sua mensagem se apodere de cada um dos Seus remidos, produzindo aquele fogo ardente no seu interior que os torne indiferentes quanto a si mesmos, contanto que cumpram a sua obrigação. Deus cuidará para que você receba seu “galardão”. “Nenhum homem vai a uma guerra às suas próprias custas.” Deus é

um mestre pobre e um “Rei” estranho se enviar Seus arautos sem ser capaz de provê-los. Mas Deus é um Rei que envia uma “proclamação” ao mundo e pensa nas provisões daqueles que verdadeiramente envia. Muitas vezes parece loucura crer nisso, mas a loucura de realmente confiar em Deus é a mais elevada sabedoria. “Eu anuncio (proclamo)” porque “sou obrigado”, disse o apóstolo.

A seguir, o lugar da “proclamação” em relação a outra verdade. “Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho [...]” (1 Co 1.17a). As ordens exteriores eram secundárias em importância para a proclamação da mensagem. No campo missionário, portanto, o trabalho primário dos missionários não deve ser o de conseguir muitos pagãos “batizados” e admitidos no rol de membros da igreja, mas o de proclamar as boas-novas.

E quanto à linguagem e a forma na qual a proclamação deve ser entregue: “[...] não com sabedoria de palavra, para que não se anule a cruz de Cristo” (1 Co 1.17b). A proclamação não precisa do adorno das belas palavras e a exposição oratória da linguagem. Tem apenas de ser proclamada em sua singela simplicidade, pois é a “palavra” da cruz que é o poder de Deus, não as palavras sobre ela. Aqui está declarado também o fato solene de que o pregador pode tornar “nula”, ou ineficaz, a mensagem que contém o poder de Deus. As palavras que a “sabedoria” humana do homem natural pensa serem necessárias para tornar a mensagem aceitável têm na realidade o resultado contrário, ao tornar vão o poder da própria cruz. Isso explica por que hoje há tão pouco resultado mesmo quando o

Evangelho é pregado. Muito poucos realmente creem que a própria “palavra”, simplesmente declarada, tem nela o “poder de Deus”. Eles não estão dispostos a serem simples transmissores da palavra escrita. Eles querem pregar “sermões” sobre a cruz – mais do que simplesmente PROCLAMÁ-LA!

Como Paulo cumpriu a sua comissão, como um “arauto” com uma “proclamação”? “E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2.1-2). E então acrescenta: “E foi em fraqueza [...] que eu estive entre vós”. Paulo, você não errou a palavra? Você não quis dizer que foi cheio de poder? Não. “Foi em fraqueza, temor e grande tremor.” A nota de rodapé de Conybeare indica que essa expressão peculiarmente paulina significa uma “ansiedade trêmula para cumprir um dever”. A “consciência ansiosa” de um “escravo”.

Quando a solenidade do dever e o caráter vital da mensagem da cruz são percebidos por alguém, essa “ansiedade trêmula” é gerada para que ele não falhe com Deus nem se torne inadequado para que o Espírito Santo o use na mensagem. “A minha palavra e a minha pregação”, continua o apóstolo, “não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder [...]” (1 Co 2.4). Aqui está novamente. Paulo deliberadamente evita utilizar “palavras persuasivas”. A influência humana e a “persuasão” não são necessárias além

do ao “poder de Deus”. O arauto simplesmente tem de ser cuidadosamente exato na transmissão da proclamação. Então a responsabilidade é com Deus, e daqueles que o ouvem. Não é estranho usar palavras relativas às coisas da Terra para atrair homens para Deus, em vez de simplesmente anunciar a proclamação de Deus?

E quanto à urgência da proclamação? Como Paulo trabalhou para preparar Timóteo para continuar a obra quando sabia que a sua partida estava próxima. Veja as suas últimas solenes palavras: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino; prega [proclama] a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias coibiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (2 Tm 4.1-4). Portanto, o velho Paulo não estava fazendo nenhum juízo falso quanto à atitude de muitos em relação à verdade do Evangelho depois de sua partida – especialmente nos últimos dias em que estamos vivendo agora. Contudo, “conjuro-te [...] PROCLAMA” está escrito para nós assim como para Timóteo.

A paixão da sua mensagem permaneceu em Paulo até o fim. A única coisa com a qual se preocupava era a sua comissão. Quando ele olha para os seus sofrimentos, tudo é consumido pelo fato de que tinha cumprido seu ministério. “Na minha primeira defesa, ninguém foi a meu favor;

antes, todos me abandonaram. Que isto lhes não seja posto em conta! Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação [proclamação] fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem; e fui libertado da boca do leão” (2 Tm 4.16-17), ele escreve.

Vamos finalmente ter um vislumbre da vida interior do apóstolo para que o espírito dela possa entrar em nós e nos impulsionar para “proclamar” a palavra da cruz com uma nova percepção da sua urgência e do seu poder. As palavras do apóstolo aos anciãos em Mileto nos mostram vivamente o espírito das suas labutas: “Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo [...], servindo ao Senhor com toda a humildade, lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram, jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa [...]. E agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que ali me acontecerá, senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me assegura que me esperam cadeias e tribulações. Porém em nada considero a minha a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus” (At 20.18-24).

Em 2 Coríntios 6.4-10, temos um vislumbre do seu serviço como um arauto: “Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus; na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões [...]; como se estivéssemos

morrendo, e, contudo, eis que vivemos; como castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo”. Então, em 2 Coríntios 4.2, vemos como ele tratou a Palavra de Deus: “[...] pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem [...]”. Paulo era incisivo para ganhar almas para Cristo e não usou nenhum esquema astuto para alcançá-las. Quantas coisas desonrosas são feitas para conseguir convertidos ou “membros” para uma igreja! Muitas estão disfarçadas sob a ideia de “fraude” legítima ou “sabedoria” para alcançar as pessoas. Mas Paulo ousadamente dependia de uma proclamação aberta e franca da palavra da cruz, crendo que ela é o “poder de Deus”. Ele “abertamente anunciou a verdade” de tal modo que as consciências dos homens foram alcançadas, tanto pela plena declaração honesta da sua mensagem como pela clareza transparente da sua vida.

Tudo o que é de Deus pode ser abertamente proclamado a todos. Não há nenhum grau de “iniciação” na Igreja de Deus. Há diferentes etapas do progresso no conhecimento, mas nenhuma “verdade secreta” que não pode ser proclamada a todo o mundo. E para esta declaração corajosa, franca e aberta da Palavra de Deus, confia-se nela como o poder de Deus. Que todos nós sejamos salvos de esquemas astutos sob o pretexto de “fazer conhecida a verdade”. Não deve haver nenhum “roubo de ovelhas”, nenhum “proselitismo” e nenhum “planejamento” para

ganhar este e aquele. Vamos proclamar abertamente a mensagem de Deus nos termos simples das Escrituras, seguros da cooperação de Deus.

A apostasia da Igreja visível só pode ser refutada pela proclamação da palavra da cruz, com o espírito e na forma como Paulo a proclamou. A “apostasia” está no meio das pessoas nos bancos da igreja ou nos púlpitos? Deus condenará as “ovelhas” ou os “pastores” encarregados de alimentar o rebanho? Aqueles que têm de enfrentar as pessoas que permanecem sob a apostasia do púlpito, e de novo levantar o estandarte da cruz, têm de adquirir uma fé nova e uma visão renovada de Deus. Então considere a forma pela qual o Evangelho da cruz deve ser proclamado. Vamos perguntar: por que há tanta aparência da pregação do Evangelho que tem tão pouco resultado? Há algo errado na forma como ele é apresentado?

Algum tempo atrás, quando refletia sobre isso, um panfleto chegou às minhas mãos no qual o escritor disse que a grande necessidade de hoje consistia em que as almas deveriam ser convidadas para “vir ao Senhor Ressurreto”. E então vi a fraqueza desse modo de pregar o Evangelho. Vou apresentá-lo como uma pergunta àqueles que são pregadores e professores. O Evangelho da cruz a ser proclamado é assim: o Senhor Cristo morreu no lugar dos pecadores no Calvário e, tendo consumado a obra de redenção, voltou ao céu, e agora os Seus mensageiros, com base no que Ele fez no Calvário, devem chamar pecadores para o Cristo Ressurreto? Ou é uma necessidade absoluta que o Espírito Santo torne a morte de Cristo no Calvário

tão real para cada pecador que precisa de salvação, para que percebam primeiro a Sua morte por eles e então ve-nham a Ele como um Salvador Vivo?

O primeiro método praticamente elimina a cruz. Por isso milhares de pessoas que “vêm a Cristo” não percebem nem ao menos o fato da Sua morte por elas. O resultado é que muitas dessas almas dão pouca evidência de regeneração – elas não são radicalmente mudadas nem se tornam novas criaturas em Cristo. Há uma omissão sutil e estranha da pregação da cruz por causa dessa ênfase no Senhor Ressurreto. Ele é o Salvador Vivo, mas não vamos a Ele apenas pelos Seus méritos, e até mesmo por causa da Sua obra no Calvário, mas aquela morte no Calvário deve se tornar real para nós pelo Espírito Santo, para que vejamos a nossa parte nela e saibamos que nascemos em uma nova vida por meio da Sua morte como o nosso Substituto.

Gálatas 3.1 enfatiza isso de um modo muito vívido: “Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros”, escreve o apóstolo, “ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?”. Este é o sentido literal, diz Conybeare, e Lightfoot<sup>13</sup> usa a palavra “afixado”. Esta foi a forma como Paulo pregou. Ele “proclamou” “a palavra da cruz como o poder de Deus” e “afixou” Jesus Cristo sobre a Sua cruz diante dos gálatas, para que, por assim dizer, vissem a crucificação com os seus próprios olhos. Esta é a

---

13 John Lightfoot (1602 - 1675) foi um clérigo inglês, erudito rabínico, vice-chanceler da Universidade de Cambridge e mestre da St. Catharine's College, Cambridge.

mensagem a ser proclamada, exatamente como se você saísse como um arauto, dizendo: “Uma proclamação do céu – Ele foi levantado na cruz por você. EIS O CORDEIRO DE DEUS!”.

Então, por último, um “arauto” não proclama a sua mensagem em uma voz fraca ou de uma forma tímida e consciente de si mesmo! Não temamos levantar a voz como uma trombeta. A trombeta que Deus usa agora é a voz de quem será um arauto e mensageiro, dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”.

## APÊNDICE

# *Comparação entre a Cruz e o Sangue*

Os textos a seguir mostram a diferença entre a aplicação experimental da “cruz” e do “sangue” no crente e são apresentados para deixar claro que quando a Palavra fala de uma, não significa que fala do outro.

### **A Cruz do Calvário**

1. O lugar do pecado carregado pelo Substituto.  
“[...] carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça [...]” (1 Pe 2.24).
2. O lugar da reconciliação.  
“[...] fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho [...]” (Rm 5.10).
3. O lugar do “pecador” crucificado.
  - a. “[...] foi crucificado com ele o nosso homem velho, para que [...] não sirvamos o pecado [...]” (Rm 6.6)
  - b. “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem, mas Cristo vive em mim [...]” (Gl 2.19-20).
  - c. “E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne [...]” (Gl 5.24).
  - d. “[...] o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (Gl 6.14).

4. O lugar de unidade entre os crentes.  
 “[...] e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade” (Ef 2.16).
5. O lugar da derrota de Satanás.  
 “[...] e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2.15) (veja João 12.31; 16.11).
6. A morte de cruz aplicada ao crente.
  - a. “[...] nós os que para ele morremos [...]” (Rm 6.2).
  - b. “[...] libertados [...] estamos mortos [...]” (Rm 7.6).
  - c. “[...] morrestes com Cristo [...]” (Cl 2.20).
  - d. “[...] porque morrestes [...]” (Cl 3.3).
  - e. “Se já morremos com ele, também viveremos com ele [...]” (2 Tm 2.11).
7. A morte do “Substituto” é a morte do pecador.  
 “[...] um morreu por todos; logo, todos morreram” (2 Co 5.14)
8. A continuidade da “cruz” para todo crente bem como a aplicação contínua do sangue.  
 “[...] levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. [...] De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a VIDA” (2 Co 4.10, 12; 1 Pe 1.19).

## **O Sangue Precioso de Cristo**

1. O sangue derramado.
  - a. Como propiciação (Rm 3.25).
  - b. Como redenção (1 Pe 1.19; Ef 1.7).

- c. Como preço de “compra” (At 20.28).
  - d. Como o fundamento da paz (Cl 1.20).
  - e. Como o fundamento da justificação, isto é, o pecador é declarado inocente (Rm 5.9).
2. O sangue no interior do véu.
    - a. Cristo entrou por Seu sangue (Hb 9.12) (veja Hebreus 9.7, 22).
    - b. Os crentes têm acesso pelo sangue (Hb 10.19).
    - c. Os crentes foram “aproximados pelo sangue de Cristo” (Ef 2.13).
  3. O sangue aplicado ao crente.
    - a. O tipo de “aspersão” para remissão do pecado (Hb 9.18-23) (veja também Hebreus 12.22-24).
    - b. O sangue para a consciência (Hb 9.14) (veja também Hebreus 10.22).
    - c. O sangue “santificando” ou separando para Deus (Hb 13.12).
    - d. O sangue do concerto é a base da obra de Deus na alma (Hb 13.20-21).
    - e. “[...] pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados [...]” (Ap 1.5).
  4. A condição para a aplicação perpétua do sangue.
    - a. “Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 Jo 1.7).
  5. O sangue do Cordeiro aplicado pelo Espírito de Deus é a arma da vitória sobre Satanás.
    - a. “Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida” (Ap 12.11).

Diante de tudo o que Satanás está fazendo no mundo, e o seu (aparente) incrementado poder, só a convicção do Espírito Santo quanto à vitória de Cristo no Calvário pode nos guardar no descanso de coração, e nos capacitar a triunfar e suportar. Além disso, se você crê na vitória de Cristo sobre Satanás, descobrirá cada vez mais e mais quão essencial é que saiba que a Cruz crucifica a velha vida adâmica, para que unido em espírito ao Cristo Vitorioso, seja levantado, capacitado a triunfar sobre o inimigo, e provar que, no que lhe diz respeito, o príncipe deste mundo foi expulso. Ele foi vencido. De acordo com as Suas próprias palavras Cristo realmente o expôs, e a todos os seus poderes, a uma 'vergonha pública', justamente quando, aos olhos do mundo, aparentemente triunfava sobre Ele.

**Jessie Penn-Lewis (1851 – 1927)**, nasceu em Neath (Glamorganshire, Gales) e foi convertida ao Evangelho aos 21 anos quando escudou sobre o caminho da vitória por meio da cruz de Cristo. A cruz como identificação do crente com Cristo no poder de Sua morte e a glória de Sua ressurreição: este foi o tema principal dos livros e pregações da sra. Penn-Lewis. Posteriormente, foi convidada a falar no exterior, viajando por vários países, mesmo tendo graves períodos de enfermidade. Falou em várias Convenções de Keswick, ainda que sua paixão pela mensagem da cruz a tenha levado a abandonar qualquer outra atividade e aspecto de seu ministério que não estivesse com ela relacionado. Em 1909, fundou a revista *The Overcomer* (O Vencedor), que continua sendo publicada até hoje, a qual, no início, foi somente uma carta de oração enviada aos amigos e interessados em seu ministério. Ela conheceu as obras de Madame Guyon, as quais lhe ajudaram a conhecer a vida profunda com Deus. Por sua experiência com o Senhor, com Sua cruz e Sua Palavra, influenciou homens como Watchman Nee e T. Austin-Sparks.

